

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadores: Agê de Souza Santos, Emily Arisa Oshiro, Gabriela de Oliveira Silva e Giovanna Florencio Antonio.

Entrevistado: Emerson Rocha

São Paulo, 20 de maio de 2024

Duração: 02 horas e 05 minutos

Realizada na plataforma Google Meet

Entrevista com Emerson Rocha: Quanto mais azul, melhor

Gabu: E você?

Emerson: Bem. Tudo bem com vocês? [risos]

Gabu: Tudo. Nossa, Emerson, muito obrigada por ter aceitado essa entrevista.

Emerson: Magina. Fiquei muito feliz com o convite.

Gabu: Ai, tô muito animada. [risos]

[câmera de Gabu desliga]

Emerson: [pausa] Fico feliz.

Gabu: É... Novamente, a gente tem que perguntar, você autoriza a gravação da entrevista?

Emerson: Claro. Sem problema.

Gabu: Perfeito... é... [liga a câmera] Calma. Ah! Minha câmera desligou, desculpa. Agê, você tá gravando?

Agê: Sim.

Gabu: Ok. [gesticula] Quer começar, Agê?

Agê: Pode ser... é... Primeiro, bom dia, né... é... Hoje é dia 20 de maio de 2024, às 10h. E eu acho que, pra começar a perguntar, é, pedir, na verdade, pra você se apresentar, falar um pouco de você mesmo.

Emerson: Bom, eu me chamo Emerson Rocha, tenho 26 anos. É até um pouco estranho falar isso, porque [risos] eu fiz há um, há pouco tempo, então ainda tá bem recente, né. É... Sou artista visual, negro, contemporâneo e... natural de São Roque. Atualmente eu trabalho aqui em São Paulo, com produções feitas aqui em São Paulo. E... eu, eu transito entre diversas modalidades de, de arte, seja ela arte visual, é... escultura, é... poesia, escrita, tudo. Me interessa por tudo, sou um curioso nato e acho que isso enriquece muito a minha produção num sentido de... de... não me, não me contentar mesmo em... em, em fazer só um tipo de trabalho, ou só um tipo de técnica, ou só um tipo de... de... [pausa] Ah, só um tipo de... Ficar, ficar ali no [gagueja] no, no, no seu esquema de conforto. Acho que essa zona de conforto é uma coisa que me incomoda muito, então eu tô sempre me desafiando de uma forma sau-saudável [gagueja] e produtiva, e acho que isso [pausa] leva os meus traba- meu trabalho pra um caminho bem diferente.

Gabu: É... Perfeito. Então, vamo lá. Começando sobre... isso, então. Você falou que gosta muito, é... de sair da zona de conforto e a gente consegue ver bastante isso na sua arte, mas no momento também principalmente sobre as várias coisas que você está participando. Por

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a manter a fala original, sem corrigir questões gramaticais ou empreender quaisquer alterações.

exemplo, você tá com o projeto do *Funk: um grito de ousadia e liberdade* [pausa] no Museu de Arte do Rio. E... pra você, como é? Se expandir? Tipo [pausa] ir pra além da arte... que a gente vê no seu Instagram, por exemplo? E fazer essas exposições num espaço fora da internet?

Emerson: Eu acho que é de extrema importante- extrema importância estar... é... produzindo nesses espaços e... e participando desses projetos que são tão importantes, que [pausa] tratam de temas tão... tão subjugados e tão... tão esquecidos por tanto tempo. Então, é... já é o meu segundo projeto com o Museu de Arte do Rio. Eu estive na exposição *Defeito de Cor*, que agora tá aqui em São Paulo, Foi a minha primeira exposição institucional, inclusive, que aconteceu com eles. E... ao [gagueja] ao final dessa exposição de um defeito de cor, eles me convidaram para a exposição do *Funk*. Então, foi meio que um projeto contínuo de... de participação ali no museu. [pausa] Eu acredito muito no... no projeto do Museu de Arte do Rio, então, é, tudo que eles me chamarem para fazer, eu vou fazer. [risos] Tudo que eles me convidarem é só... é só falar comigo, que a gente tá junto, porque é... as temáticas que eles têm trazido... é...de produção curatorial mesmo e de pesquisa e de debate, são muito relevantes porque... temas como *Funk*... é, alguns anos atrás a gente sequer poderia imaginar u-u-um-uma [gagueja] temática curatorial de *Funk* estar em um museu da... da prospecção que é o Museu de Arte do Rio, né. Então... é... estar ocupando mesmo esses espaços com trabalhos que falem sobre... sobre temáticas tão importantes como o amor, a... a homoafetividade, a... a esperança, os sonhos, eu acho que é muito importante, acho que, que eu tenho vivido vários sonhos ao mesmo tempo e... e eu costumo até comentar com os amigos que... é... eu levo um tempo para processar as coisas, então eu ainda acho que ainda tô processando o carnaval de 2022, sabe? Eu...

Gabu: [risos]

Emerson: ...vou levar um tempinho para processar essas coisas ainda. E quando eu... é... me bate aquela... aquela... [pausa] aquele ponto de... de certeza de tipo, você realmente tá fazendo isso, é uma coisa muito incrível. De... de está envolvido em tantos projetos incríveis, em tantas exposições incríveis, com... com pessoas incríveis.

Gabu: Aham. Você fala bastante sobre... É... Ai... como eu digo isso? Você é muito ativo politicamente, não só ao representar, como você disse, a homoafetividade, pessoas negras, que é uma coisa muito difícil da gente ver representada na mídia. É... Como você pensa nesse [pausa] gênero de... de arte como um mecanismo de resistência política e... como mecanismo de subversão? Seja... subvertendo essa imagem, como você faz com... figuras religiosas, ou personagens de animações, como você [pausa] acha disso? O que você pensa disso? Pensa desse gênero?

Emerson: Então, eu acho que... vai muito por uma ideia de que... a gente precisa revisitar esses, esses signos e esses ícones e essas histórias de uma forma- da forma mais positiva possível. Porque... falar sobre ge- sobre religião, por exemplo, no Brasil, sendo uma pessoa preta, sendo uma pessoa afro-centrada, é...é um tabu gigantesco, principalmente nas artes. Então... é, você tentar trazer essa, essa estética, essas indumentárias e essa, e essa produção, essa, essa poesia, essa política, por que não assim dizer?... é... duma forma positiva, sem que isso seja algo... maçante ou caricato, acho que é, é muito válido e muito importante, porque falar sobre religião, falar sobre... [gagueja] sobre política, falar sobre a minha vida, falar

sobre a minha história, falar sobre os meus afetos, é... tudo isso é político porque enquanto homem preto e... e LGBTQ... e... e favelado e... etc, etc, tudo isso, tudo que eu faço, por minimamente que seja, eu, eu entendo que é político, então, é, eu acredito que precisa ter-precisa-se haver um cuidado e um respeito em, em relação a tratar alguns temas muito específicos, como... as religiões de matriz brasilei- [gagueja] matriz africana, por exemplo, acho que é preciso ter um... um certo cuidado em tratar esses temas, mas eu... eu creio que eu tenho feito um bom trabalho em... em trazer essa imagem mais positiva de... dessas temáticas que às vezes são tratadas de forma, às vezes não, quase sempre são [gagueja] tratadas de forma muito... muito negligente, muito... é... estereotipada até eu diria, porque... é... você pensar, por exemplo, na-nas várias e várias notícias que a gente recebe de terreiros que foram queimados e... e histórias completamente des-destruídas. E... em contraponto, você tá trazendo uma produção que... que exalta a beleza dessa, dessas manifestações, eu acho que tem um... uma força muito maior do que uma, uma questão só estética, sabe? Então, acredito que... que... essa, essa, [gagueja] essa imagem positiva e trazer essa positividade e essa beleza e... e furar um pouco essa bolha de que... é, essas [gagueja] essas negligências e que essas [pausa] incertezas e que essa intolerância é algo maléfico pra todos nós, em todos os sentidos, acho que é... é o que eu faço de mais importante na... no meu trabalho.

Gabu: É, falando um pouco mais sobre você agora, é... qual a sua formação artística? Em que momento você se aproximou da arte? É uma coisa que sempre esteve com você? É uma coisa que você foi aprendendo sozinho? [pausa] Como foi?

Emerson: Então, é... eu tenho formação artística, sou formado em Arte, História Crítica e Curadoria pela PUC. É... Me formei um pouquinho antes do começo da pandemia, inclusive, acho que foi um, um livramento assim gigantesco. Tipo... foi o timing perfeito entre eu me formar e começar a pandemia, então... é uma coisa assim muito doida de se falar até.

Gabu: Forte.

Emerson: E... É, porque eu sentia essa necessidade de ir prum lado mais teórico mesmo, porque a prática eu já tinha desde pivete. Eu sempre gostei de... sempre gostei de desenhar, sempre gostei de pesquisar sobre arte. Eu tinha umas, umas enciclopédias aqui em casa, ainda tenho algumas, que eu ficava vendo as obras de arte e queria desenhar igual, falava, nossa, esses caras são incríveis. Isso já pivete, né. E... é... ah, então é uma coisa que já me acompanha desde, desde que eu me entendo por gente, essa, essa questão da arte. Uma coisa que eu sempre comento quando, quando eu falo sobre essa questão de trajetória, é... da primeira vez que eu ganhei uma caixa de lápis [pausa] da minha mãe. E eu, eu, assim, fiquei maravilhado, eu achei a coisa mais incrível do mundo, assim, aquela caixa de lápis e umas folhas. E eu, eu sentei no quintal aqui de casa e comecei a desenhar os coqueirinhos. E aquilo pra mim era o paraíso, né. Era... É, sabe quando você sente que você nasceu pra fazer isso e... e, e que ali tá a sua felicidade genuína e você não quer mais saber de nada? Então [pausa] pra mim, eu acho que a partir dali eu, eu sabia que isso era pra mim, apesar de ter [pausa] me distanciado em certos pontos [pausa] dessa produção ou... ou desse contato com a arte. Mas aí eu sou formado em... em História, Arte Crítica e Curadoria, que é a parte mais teórica, e a parte mais prática é através da vivência mesmo... da, da experiência, da loucura do, do dia a dia. [risos]

Gabu: Aham. E... dessa parte mais prática, é... qual foi o processo, o momento em que você [pausa] decidiu escolher, tipo, que você escolheu e decidiu ficar com essa materialidade, que você usa nas suas pinturas hoje, no seu trabalho hoje?

Emerson: Então... é... Eu, eu vejo isso como, literalmente, um processo que... que foi acontecendo de uma forma muito natural, porque... é... antes eu fazia tra- [gagueja] fazia arte por hobby, né. Até uns dois, três anos atrás era, era uma coisa que eu gostava, mas... eu não via prospecção de... de, de mercado ou de inserção nessa, nessa bolha completamente [pausa] quase que completamente inacessível da arte no... no Brasil, e principalmente em São Paulo. [pausa] E... eu precisei, eu... é... outra coisa também que eu costumo comentar com muita frequência, que eu precisei entrar no mercado de trabalho como CLT numa... num pós-momento coronavírus, onde eu quase morri [pausa] em 2021. [pausa] É... Eu tinha acabado de me recuperar, tava me sentindo com uma pressão super gigantesca de... de produtividade, de... ah, você já tem seus... sei lá, 23 anos e ainda não tá trabalhando... então eu acabei caindo na burrada de me inserir nu... numa vida CLT dentro de um escritório... quadrado e triste durante um mês, que foi o que eu aguentei. Então... é... Esse um mês foi assim um dos [pausa] piores períodos da minha vida, não no sentido de ser... egoísta ou prepotente, de... de não entender essa rotina, mas é porque não... não fazia sentido pra mim realmente e eu sabia que essa pressão [pausa] interna que eu tava sentindo era porque... a arte tava me chamando, sabe? [pausa] Então... é... depois desse um mês eu, eu resolvi me jogar de cabeça mesmo no, nesse... nesse abismo chamado... mundo das artes e falei: agora eu vou, vou... vou com força e fé [pausa] e vamo ver o que vai dar, né? E nisso eu comecei a... a, a me perguntar: sobre o que que, sobre o que eu quero tratar, né? Sobre... sobre quais temas são relevantes pra mim enquanto... enquanto... num sentido mais subjetivo, mas também quais temas eu acredito que sejam importantes pra... pra comunidade, prum sentido mais coletivo. Então, eu... eu vi que eu sentia, por exemplo, uma falta de... de representações de afetividade, de homoafetividade preta nas artes, por exemplo. Aí eu falei, ah, vou produzir algo que seja relacionado a isso pra, pra [gagueja] pra suprir uma demanda pessoal, que [pausa] eu sentia falta disso, mas também que acabou se tornando uma demanda coletiva, porque [pausa] meu trabalho assim... meus trabalhos mais... quando eu comecei a me inserir mesmo no... no circuito, você não, não cria algo, produz algo já pensando no, no retorno, o retorno financeiro, o retorno... qualquer tipo de retorno. Você cria porque você sente essa necessidade de criar mesmo. Então... é... Eu, eu fiz, por exemplo, esse trabalho *Intimidade*, que é em referência a uma fotografia da... da Fernanda Liberty. São os dois caras pretos se beijando, com... seu copão ali na mão de, de uísque e tal. [pausa] E... você fe-... eu fiz esse desenho assim de uma forma super [pausa] despretenciosa, mas aí de um dia pra outro, de um sei lá, questão de horas, isso começou a ter uma dimensão assim gigantesca. E... uma coisa que você olha e pensa [pausa] caraca, de onde saiu tanta gente? [risos] E... e... gente se identificando, gente... falando que... que, que se sentia representado por aquilo, então... é... Acho que é uma, uma alegria sem tamanho você perceber que, que inquietações suas [pausa] são... não são só suas, sabe? E que [pausa] essa falta é percebida por muito mais gente, então... acaba se tornando um... mar alto de esperança mesmo e de, de novas possibilidades. Então [pausa] acho que... é... nesse sentido também é uma linha muito tênue né entre você... você... não tentar ficar se- [gagueja] fechando essas demandas, por exemplo, de sentir que você tem que abarcar tudo, ao mesmo tempo e falar sobre tudo e produzir sobre

tudo. Mas sim aquilo que você sente que você precisa fazer, porque eu... eu acho que meu trabalho vai muito por um sentido de sentimento mesmo. Tudo que eu produzo diz respeito àquilo que eu tô sentindo ou que eu tô deixando de sentir, então... Ou, ou alguma música que eu ouço, ou algum... alguma série que eu assisti. [pausa] Eu... Então nesse campo do agora, acho que meu trabalho se baseia muito no agora porque ele é um... espelho muito claro... de mim, sabe? Das coisas que eu acredito, das coisas que... que fazem sentido pra mim, então. E essa demanda, essa identificação e essa [pausa] e essa experiência coletiva vem no processo, então... é muito bacana pra mim [risos] saber que tanta gente gosta e se identifica com o que eu faço.

Gabu: Aham. É, muita gente, inclusive. [risos]

Emerson: Muita gen- [risos] Muito mais gente do que eu imagino, inclusive.

Gabu: [risos] É... E... quando você começou essas representações, uma coisa que a gente percebe bastante quando a gente vai olhar o seu portfólio, é que você acaba recriando algumas obras, inserindo uma figura negra: uma mulher negra, um homem negro, é... em obras consideradas clássicas, como o *Nascimento de Vênus*... é... Tipo [pausa] o que traz essa vontade? Essa vontade de ver essas pessoas? É a vontade de reclamar uma coisa para si mesmo? Ou essa falta de representação que você citou antes?

Emerson: Ah, então, acho que vai muito pro, por uma linha de se... De, de também conseguir se ver nesses trabalhos. É... Acho que tem uma linha muito tênue entre você... é... querer essa validação por tá fazendo trabalhos mais relacionados a, a pinturas clássicas e tudo mais, mas acho que vai muito mais, pelo menos nos, nos meus trabalhos, porque eu acho que isso é uma tendência até pra muitos artistas novos, contemporâneos, de, de recriar esses trabalhos clássicos de uma forma que, que seja um pouco mais... que faça um pouco mais de sentido pra eles, acho que é um movimento válido e muito importante, mas... pra mim vai muito mais no sentido de identificação mesmo, de você... é... ressignificar esses trabalhos de uma forma que... eles façam mais sentido pra você. Então, é... por exemplo, ter feito a Iza de... de Afrodite com essa referência a Vênus, acho que é um, é uma, uma virada de chave ali mesmo no que a gente acredita sobre, sobre beleza, sobre força, sobre... sobre... sobre [gagueja] esse classicismo que foi impelido há tanto tempo, por tantos e tantos séculos, de que... do que era bonito, do que era válido, do que era sensível, do que era etc. etc. Acho que é uma virada de chave mesmo, e acho que... é, não tem tempo certo pra isso. Não acho que não é uma coisa que daqui a alguns anos fique datada ou algo do tipo. Acho que...

Gabu: Com certeza.

Emerson: É... Acredito que seja algo que... que tenha uma potência ali. De, de... de ressignificação mesmo pra essa, até pra essas novas... pra essa nova... Como eu posso dizer? [pausa] essa, essa nova... geração mesmo, de, de tá... crescendo e acompanhando trabalhos que, que se pareçam mais com eles do que... o que a minha geração, por exemplo, teve, de acesso a essas... a essas... representações, por exemplo, eu, eu tenho uma memória muito clara de... do meu período de escola, em que minha matéria favorita era artes, claro, mas que... eu me sentia ali meio perdido... em meio a... a umas produções que não faziam muito sentido pra mim já, tipo, adolescente já tinha essa, essa consciência de que... tá, mas cadê as produções das pessoas de pele preta nesses livros de, de arte, nesse livro de história? Não tem! É, será que... gente preta não, não, não produz, não desenha, não, não pinta?... Então... é, já era uma coisa ali que eu sentia falta já mesmo durante a adolescência, durante o ensino

médio ali. Então, acho que... essa virada de chave em, em até mesmo o meu próprio trabalho ter sido, estar sendo, inclusive aqui... é... objeto de estudo pra... pra essas novas gerações, acho que é um... é a virada de chave mais importante mesmo... ahm... no sentido da educação, porque a educação ela é transformadora, né? Então... aquilo que a gente... vivência, aquilo que a gente compartilha, aquilo que a gente produz, tá, tá fazendo parte desse universo tão importante, tão válida, é incrível. É genial. [pausa]

Gabu: Com certeza.

Emerson: Eu falo demais, né? [risos] Quando eu pego... [risos]

Gabu: Não, mas eu tô adorando! Por favor, fica a vontade, fala o quanto você quiser, porque... a gente tá aqui pra ouvir...

Emerson: [risos]

Gabu: ...estudar tudo isso depois.

Emerson: Quando eu pego para falar assim de, de assuntos que são... é, relevantes para mim... eu, eu vou que vou assim... e não paro. Mas é bom né também nesse sentido.

Gabu: É, é ótimo, é ótimo, porque justamente a gente quer saber você não só... Tipo, a gente quer saber sobre você não só sobre o que você pinta, mas também o porquê você começou a pintar, tipo, o que formou isso em você. Então, o que você se sentir na vontade de falar ou o que você quiser comentar, por favor, sinta-se completamente à vontade, porque...

Emerson: Maravilha.

Gabu: ...a gente não vai tá reclamando. [risos]

Emerson: [risos] Maravilha. É, porque, no... por exemplo, não dá pra falar sobre... É uma coisa muito clara pra mim, não dá pra falar sobre o meu trabalho sem falar sobre mim. São coisas indistintas, assim. Então, acho que pra todos os artistas, né, mas alguns artistas de uma forma um pouco mais... é... um pouco menos direta, mas pra mim de uma forma completamente direta, porque tudo que eu faço... é... me representa, tudo que eu, tudo que eu produzo, tudo que eu, sobre tudo que eu falo ou... ou deixo de falar, é uma, como eu falei anteriormente, é um espelho de mim, então... é meio que impossível falar sobre meu trabalho sem falar sobre mim. E... [a ligação trava]... falar sobre mim, tipo, diretamente sobre mim, sobre a pessoa, Emerson, era uma dificuldade que eu tinha. Acho que isso também... é... esse processo também de, de autoconhecimento e de, de valorização mesmo da, da própria pessoa, acho que isso reflete também no trabalho e traz um trabalho mais consistente.

Gabu: Uhum... é, então, por favor, fale o quanto você quiser de você...

Emerson: [risos]

Gabu: ...Porque...é... a gente realmente não conhece [pausa] de verdade a obra até a gente conhecer o artista.

Emerson: Isso é verdade.

Gabu: É uma coisa que... não tem como a gente interpretar a sua obra, ver o que você... é, luta por, enquanto a gente não te ouvir falando sobre você. Porque...

Emerson: Maravilha.

Gabu: ...é extremamente importante e é uma coisa que a gente quer muito aprender sobre. Ahm...

Agê: É, eu acho que uma coisa

[Gabu fala ao mesmo tempo]

Agê: Desculpa.

Gabu: Desculpa. Não, por favor... [gesticula para o Agê falar]

Agê: É... Só perguntando o que cê tava falando dessa relação de... você ter séries que você assiste, que influenciam, esses ser motivadores. Perguntar da sua primeira... interação assim, com a arte, como ela te aproximou? Porque tem alguns trabalhos seus de fanart, você faz algumas representações de *Naruto*, algumas de *Steven Universo*... tem muita coisa, e esse primeiro assim, é fantástico! Eu queria entender mais assim disso, sabe?

Emerson: Então, é... acho que essa, essa parte da... da visualidade mesmo desses trabalhos, acho que me influencia muito, porque eu [gagueja] pelo menos assistia, quando tinha mais tempo, assistia muita coisa. E eu gosto muito de desenho... de, de anime, de desenhos, de cartoons, etc, desde pivete. Então... acho também, isso também vai muito prum lado de... de... você gostar das produções, mas não se sentir representado. Então... é... trazer essa ressignificação em trabalhos que... que... você gosta, mas que você queria que fosse um pouco mais parecido com você. Acho que isso também é um... é um trabalho válido e acho que foi muito importante no processo de eu... de eu me entender. Esses trabalhos de... de, de fanarts que eu fazia eram trabalhos mais antigos, quando eu ainda não... por exemplo, não trabalhava com arte... Era... Era ali, acho que... é um retrato muito claro do, do Emerson começando a tentar se entender como como... como homem preto e começando a tentar entender essa... essas representações e essas representatividades... é... em... através de desenhos, através de séries, através de filmes. Então, é... eu tenho um carinho muito especial por esses trabalhos, eu, eu gosto muito dessas fanarts. Eu fiz de Steven, eu fiz do... eu fiz do Naruto, tem de Avatar, que são coisas assim que... que são desenhos que eu amo desde sempre... Mas que... faltava mesmo né essa... essa... essa representação mais direta da... de, de me sentir incluído ali no... nesses universos tão, tão mágicos e tão... tão importantes. Então... acho que foi um processo muito importante de... de... ir me autoconhecendo, e é até engraçado como você, você acompanhar o... a evolução dos meus trabalhos no Instagram, que é meu portfólio, assim, aberto, completamente aberto ao mundo, ver essas evoluções de... de técnica e de... e de... habilidades, mas você não vê uma evolução de, de temática, por exemplo. A temática foi sempre muito... muito específica, sabe? De... de exaltação de... dos corpos pretos e da, das vivências e da experiência e do Brasil e da nossa brasilidade. Então... acho que essas temáticas mais principais e mais... e mais fixas não mudaram desde que eu comecei a produzir, não.

Gabu: Sobre essa sua progressão artística, uma coisa que... é impossível de notar quando entra no seu perfil, quando entra no seu portfólio, é a progressão que você foi usando cor. Teve um momento onde você começou a usar muito vermelho e era... a cor mais predominante nas suas obras e... depois disso mudou pro azul, com alguns detalhes vermelhos, tipo, bem destacados. Mas... até hoje o que mais... predomina realmente é o azul, até na sua roupa, nas suas unhas.

Emerson: [risos] Meu quarto, tudo!

Gabu: [risos] Exatamente.

Emerson: [risos] Sim.

Gabu: Tem algum motivo por trás ou é apenas uma coisa que você gosta muito?

Emerson: Tem, tem! Na verdade, tem sim, porque... é até engraçado... é... olhar esses trabalhos mais antigos, porque eu era muito preguiçoso. [pausa] Eu era muito preguiçoso nesses trabalhos antigos e... e apesar de querer trabalhar com um fundo um pouco mais...

elaborado e tudo mais, eu, eu tinha muita preguiça. Então... eu queria produzir algo rápido ali que [pausa] que... é... cessasse essa minha, essa minha inquietação de alguma coisa que tava rolando ali no momento, mas eu não queria me demorar no sentido da produção. Então... esses trabalhos mais antigos não tinham fundo. O fundo era o craft mesmo... a cor do craft mesmo, acho que tem um... um contraste super bonito até com o, o lápis de cor e tal, mas eu ficava ali naquela de se... de achar que tava faltando alguma coisa, sabe? Até que... eu tomei um pouco de vergonha na cara e falei, não... vamo lá, se você tá sentindo falta de alguma coisa, é porque tá faltando alguma coisa, vamo trabalhar isso aí, né, que que tá faltando. E o que faltava pra mim mesmo era... era que esses trabalhos fossem recebidos de uma forma um pouco mais completa, não só... não só por mim, mas pelos outros também. Então... é... eu comecei a trabalhar esses fundos mais coloridos, eu traba- passei por muitas cores. Passei por verde, passei por... roxo, passei por vermelho, como você falou, porque achavam que eram cores muito fortes e que passavam mensagens muito claras. Então... roxo, por exemplo, como uma cor que era usada pela... pela realeza antigamente... no, nos séculos passados, durante o, o período clássico, etc, era uma cor muito reservada pra... pra realeza né... pras roupas e indumentárias de- da realeza. Então acho que são cores muito potentes num... num sentido histórico mesmo... e... e, por que não, por um gosto pessoal, né. Mas mesmo trabalhando com essas cores muito variadas, eu... eu ainda ficava naquele, naquela questão do... de, de estar sentindo falta de alguma coisa... Até que eu fiz o... o *Intimidade* de novo, que é, acho que foi um... um divisor de águas completamente no... na minha vida... pessoal e artística. E ele era pra ser roxo, o fundo de *Intimidade* era pra ser roxo. [pausa] Só que... eu tinha, eu já tinha pintado os, os personagens, né, e tinha feito as cadeiras e a... e o... e a caixa de cerveja onde eles tava sentado de vermelho. Aí eu falei... vermelho e roxo. [pausa] Não vai ficar muito legal. Acho que não, não vai funcionar muito bem, não, não vai passar o que eu quero passar. E um tempo atrás eu tinha ganhado umas tintas azuis... de um, de um, de um amigo, né, uns daqueles potões gigantescos assim, sabe, de 250 ml, e tavam guardadas há um tempo. Eu falei... Ah! [pausa] Se eu usar azul... vamo testar. Aí eu testei com o azul e ficou assim, um, um contraste extremamente... poderoso entre a cor da pele preta, o fundo azul e, e, e os móveis bran- e os móveis vermelhos e a roupa branca... que eu falei, é isso! Acho que [risos] acho que tá meio que completo o que eu quero passar aqui, acho que... acho que faz muito sentido pra muito além de uma questão estética, faz... faz sentido numa questão de mensagem mesmo que eu quero passar. Porque todas as cores que eu utilizo, eu utilizo nos trabalhos, principalmente agora que são cores muito fixas... é... todas elas têm uma mensagem, por exemplo, o azul, eu falo, eu conto sobre essa história do azul, mas o azul é uma cor que me acompanha desde pequeno... é, sempre foi minha cor favorita... sempre foi uma cor que me chamava atenção em trabalhos... que eu vi em livros ou em qualquer outro lugar, sempre foi uma cor que eu ficava meio... Acho que eu sou obcecado, até. [risos] Posso dizer assim. [risos] Sou... saudavelmente obcecado por azul e por tudo que envolve a... a história do azul. Porque, é... é... olhando prum sentido mais... mais teórico, azul é uma das cores mais antigas, né, de... em questão de produção mesmo de, de cores, porque ele tá lá há, há séculos já, na, na China e no Egito, sendo utilizados por... por pintores e artesãos, e era uma cor muito cara de se fazer, né? Porque... é... principalmente durante a Renascença, ele era feito de lápis-lázuli triturada, né? [pausa] Acho que, inclusive, cês já passaram por essa... por essa... por essa história, né? Que... durante o, o período da arte é falado sobre.

Então, era uma coisa ali muito reservada e muito exclusiva, e acho que isso acabou moldando mesmo a... a... [pausa] essa misticidade por cima do azul e do uso do azul como algo tão exclusivo, tão... até divino mesmo, né, porque ele era reservado pra... pra... representações do, do manto de Maria ou... de, de pessoas incrivelmente ricas que tinham dinheiro para pagar pela... pela... produção da tinta, né, então... Acho que, num sentido teórico... estar trazendo esse azul, que ele também é um azul produzido, porque não é uma cor que eu compro pronta, eu produzo mesmo... é... vindo também dessa necessidade de, de sentir que... que... eu precisava de algo muito específico, né? Porque eu fui testando azul- azuis durante... esses dois anos de produção voltada ao azul, eu fui testando muitos azuis. Então... Acho que demorou um tempinho de, de pesquisa ali teórica e pesquisa prática pra chegar num azul que me agradasse... 100%. Então... é... Hoje em dia eu utilizo a acrílica, mas é acrílica ali pura misturada com uma quantidade muito específica de anil africano pra produzir esse azul que é... muito específico e é... eu acredito seja muito meu. Então [pausa] passa ali aquele lugar de segurança mesmo, de tá... de tá completamente satisfeito de... de tá produzindo com algo que foi feito por e pra você, sabe?... É... [pausa] Acho que eu me perdi até [risos] um pouquinho, mas, é... acho que... nesse sentido mesmo de, de que você falou sobre o uso do azul, ele é, ele é um uso pessoal, de gosto pessoal. Mas também tem essa bagagem histórica de, de ressignificar mesmo esse uso de... de cores que antes eram tidas como exclusivas e... e divinas... e... inacessíveis, como algo que a gente pode, sim, incorporar nos nossos trabalhos de uma- dessa mesma forma, como algo divino, como algo... como algo... de realeza, como algo... poderoso, como algo rico, como algo... sensível. Então... acho que é ressignificar mesmo essas... essas colocações que são muito dadas, de que, de que algumas cores são... são... são pra uns, mas não são pra outros, por exemplo. Então, acho que esse azul, ele entra muito nesse sentido de... da... dessa lembrança e dessa busca da nossa realeza e da nossa...da nossa, por que não, divindade também, enquanto pessoas pretas e... e maravilhosas. [risos]

Gabu: [risos] Falando ainda sobre cores... é... uma coisa que, pra mim, é tão... importante na sua obra quanto o azul. Que a gente acabou de discutir. Quando você pinta pessoas pretas, você faz questão de usar um tom de pele, tipo, pra pintar a pele delas, sendo preto. A gente vê isso muito pouco em arte, extremamente pouco. Quando eu vi suas obras eu ficava lembrando do Kerry James Marshall...

Emerson: Uhum.

Gabu: ..Não sei se você... Acho que, com certeza [risos]...

Emerson: [risos] Ele é um... [risos] Ele é uma referência gigantesca para mim.

Gabu: Exatamente. Era isso que eu queria saber. Veio dessa vontade de... mostrar que... de assumir o preto como uma coisa que não é para ser excluída da arte, como muitas vezes a gente é ensinado nas aulas de pintura, de que acaba tirando... a saturação e a vida de uma obra, incluir o preto. Veio de alguma referência além do James Marshall?

Emerson: Uhum. Sim, sim e sim, na verdade...é... [pausa] Como a gente tinha falado sobre essa, essa... essa... falta que eu sentia, em, em muitos sentidos, eu sentia falta também de representação de peles mais retintas em trabalhos. Então... é... até sobre a... terminologia preto mesmo, acho que é uma coisa que... mesmo com o passar dos anos, ainda é algo que é muito subjugado e muito... e muito... trazido de uma forma muito negativa, né. O preto como ausência de cor e como... como esse lugar obscuro e... e... desagradável. Então...

acho que trazer essas peles pretas que reluzem em azul, de uma forma assim tão... tão natural pra mim, porque pra mim não faz mais sentido... produzir... é... trabalhar com produção de pessoas, desenhando pessoas e... e suas vivências e não trazerem elas completamente pretas, são, é uma coisa pra mim que não faz mais... mais sentido nenhum, pretas e loiras, inclusive... é... Então, acho que trazer isso dessa forma mais positiva mesmo... em, em trabalhos que sejam... exaltando essa brasilidade... da gente enquanto país majoritariamente preto e pardo, acho que... é muito poderoso, né, é muito potente, porque... como você mesmo disse... é, algumas produções nos Estados Unidos mesmo, é... acho que isso é mais frequente em trabalhos como o do Carrie, que... que também se utiliza dessa, dessa cor preta, mais ali com as suas sombras mais cinzas, acinzentadas e tudo mais. Acho que foi uma... uma adaptação também nesse sentido de... de... de, de trazer essa produção... com essa cor feita em nanquim, que ela fica bem opaca e fica bem... bem texturizada pelo papel. Acho que traz essa, essa ideia de pele mesmo que eu quero trazer, essa ideia de, de vida, não como objetos ali que tão... tão...tão... imóveis e... e... inacessíveis, mas sim como uma, uma vivência, é... clara, pura e... uma vivência que... que... como eu posso dizer?... Que demonstra essa movimentação, essa flexibilidade da vida mesmo, de que as pessoas tão vivendo mesmo, tão ali no bar, tão... tão... curtindo o seu sambinha, tão tomando a sua cerveja, então acho que... você trazer essa fluidez da... da, da vida mesmo, da- e dessas vivências que são tão importantes e tão válidas, acho que isso torna o trabalho mais leve, num sentido de... acho que, não leve no sentido de... de [gagueja] de questão teórica, porque... acho que tudo ali é muito... são, são temáticas muito pesadas e muito importantes, mas mais leve no sentido de fluidez mesmo, de, de produção, de você entender que... que, olha, ele representou um bar e é isso... é... é... essa vivência do bar ali, no, nesse momento. E... eu quero trazer essa leveza de, do... do domingo à tarde, e da [gagueja] do pessoal ali tomando a sua cerveja e... vivendo a vida, sabe? Acho que... é importante, sim, ter conceito em trabalhos... ter essa visualidade, esse conceito mais fechado em alguns trabalhos, mas tem trabalhos que são mais... que são mais leves e são mais fluidos e tá tudo bem também, sabe? É, às vezes é só o que você tá sentindo ali no momento e você quer passar mesmo. Então, é... esse uso do preto mesmo como... como... uma cor muito central, porque acaba por ser uma cor muito central. O azul chama muita atenção, mas a pele preta... acho que é um ponto ali que... que acho que causa até um certo incômodo em algumas pessoas, porque... nessa trajetória já... já teve gente que veio falar comigo, mas não, não existe gente preta, por que você... [risos] por que você produz? [risos] Por que você... por que você usa uma cor tão escura pra pele? Não poderia ser marrom? Não! Não poderia. Se eu... se eu, se eu quisesse pintar de marrom, eu teria pintado de marrom desde o começo. É preto porque é preto, e preto é forte, preto é bonito, preto é...preto é importante. Então eu vou trazer isso na minha produção.

Gabu: [pausa] É... Perfeito... é... Eu tenho muitas anotações, desculpa. Talvez...

Emerson: [risos] Tudo bem.

Gabu: ... eu vou me perder um pouco.

Emerson: [risos] Tudo bem.

Gabu: É... Você falou anteriormente também sobre... trazer esse afeto, principalmente o homo-, tipo, a homoafetividade. E você traz muito afeto nas suas obras... Seja com... religião, seja... a homoafetividade, que nem a gente disse... é... E principalmente em várias

delas, uma coisa que a gente nota é que... é... chegou uma hora que a gente tava até procurando por nas obras, é a rosa que você... mostra ela em, em, tipo em vários momentos, em várias obras diferentes... Você pode me falar um pouco sobre esse afeto, como você representa esse afeto da sua vida nas suas obras, sobre o significado dessa rosa?

Emerson: Claro! É... Essa questão de afetividade mesmo. De novo... é... falando nesse sentido, vem da, dessa falta. Acho que eu sentia muita necessidade de... de... de me ver inserido, porque... durante esse processo de começar a desenhar, por exemplo, homens, homem pretos em momentos de afeto... eu tava também começando a me entender como um homem LGBTQ. Então... é... acaba por ser ali um, esse processo conjunto de você... [a gravação trava] ...ser muito negativo... [a gravação trava]...Você tentar não trazer essa negatividade, não que ela não exista, mas você tentar não trazer essa negatividade pro seu trabalho. Se focar ali num ponto que seja mais... mais, por que não dizer poético, ou que seja mais delicado, ou que seja mais... é... sensível, mas sem perder a força, acho que nada disso perde a sua força, acho que inclusive falar sobre amor é... é extremamente forte porque... é... tem, tem acontecido um processo de banalização da importância do amor, então... é... tratar sobre... sobre amor acho que é uma das coisas mais poderosas que a gente pode fazer, falar sobre amor, desenhar sobre amor, produzir sobre amor. Então... me focar nesse... nessa parte mais positiva mesmo, dessa afetividade, acho que é um... é uma, uma escolha muito importante. E é, e eu... esses... essa... essa escolha também ela vem muito cercada de signos, de uso de signos. Então... durante essa pesquisa também, eu comecei a... a, a pesquisar o... sobre essa, essa questão das simbologias e dos, desses símbolos e o que eu poderia trazer como... como potência nessa produção através desses signos. Então, tem a estrela, tem a rosa, como você falou, acho que a rosa é um contraponto muito interessante porque... ela tem essa ideia de... de sensibilidade, de... de ser algo delicado, mas ela também ali é de ouro maciço, então... é, se você se aproxima demais ou se você... é... fica muito confortável ali durante essa... essa interação com a rosa, você acaba se machucando. Então, acho que ela entra muito como... como uma representação dessa, dessa... de que há essa sensibilidade na força, então, é... não é porque você... é sensível, ou, ou porque você é, é afetoso, ou porque você trata sobre esses te-, essas temáticas que você... não possui essa força também. Então... acho que ela... eu tenho um êxito muito grande no, no uso dessa, dessa simbologias, e eu gosto muito de trabalhar com a rosa mesmo em trabalhos... em trabalhos em que eu quero falar sobre... sobre força mesmo, sobre... sobre contrapontos de força e delicadeza. Igual... é... aquele trabalho com... os dois caras se beijando, mas a força-mas a flor tá passando entre a... a... a garganta deles, né? Ela... ela ultrapassa os dois. Esse trabalho ele... ele... é uma... uma representação muito... muito fiel do que eu acabei de falar de que, de que... é... esses afetos, eles, eles são esse momento de, de tranquilidade, de... de você se entregar, mas também tem uma, uma questão muito forte de... de, de uma herança de dor mesmo que a gente carrega... por, por N motivos, seja pela escravidão, seja por ser homem preto no... no Brasil, seja por ser homem gay e preto no Brasil. Então, acho que... é... representar isso de uma forma que não seja [pausa] é... completamente negativa, mas que também traga essa... essa ideia de que literalmente tudo não é uma maravilha e que a vida é feita desses momentos, acho que... é um dos maiores êxitos que eu tenho e acho que quando eu parar de falar sobre amor ou sobre afetividade, acho que [risos] a minha produção acabou. [riso] Então [risos] é um tema que sempre vai estar presente pra mim.

Gabu: Justamente... é... essa ideia que cê tava trazendo de carregar esse peso... é... de várias agressões, que... não só o povo preto, mas principalmente os homens pretos, homens gays pretos, como você disse, é uma coisa que me chocou muito na sua obra, tipo, no melhor sentido possível. Porque... já é difícil a gente ver representações de afeto, é... com pessoas pretas no meio, tipo, tendo sendo quem tá demonstrando esse afeto. E... o homem preto te traz muita essa história de... pelo menos na mídia, pelo menos quando você vai ver, de, ah, o homem preto é o homem agressivo, por causa de todo esse racismo por trás, a má visão das favelas... é... essa... esse preconceito com as religiões de matriz africana. É... Então, quando eu vejo sua obra, eu vejo uma delicadeza muito grande, eu vejo um afeto, eu vejo um homem preto que está demonstrando que... ei, eu não sou violento, eu sou uma pessoa que nem você. Eu sou uma pessoa diferente de você, mas ainda uma pessoa que nem você. Então... justamente isso, é uma coisa que, pra mim, acaba sendo muito importante na sua obra. E as rosas passando... é, também me dá essa impressão de que... sempre tem um medo. Tipo, demonstrar afeto como uma pessoa que não é... branco, hétero, cis, normativa, essas coisas é uma coisa que, ainda mais em público, traz um medo. De as pessoas vão aprovar, a minha família vai aprovar, as pessoas ao meu redor vão aprovar, eu vou aprovar, tipo, eu vou ter essa aceitação comigo mesmo, de aceitar, de que eu gosto de, desse afeto, de receber e de me dar esse afeto. Isso tem algum... tipo, algum reflexo na sua vida, tipo, isso vem de você? Você teve problemas com essa aceitação de se entender como um homem preto, de se entender como LGBTQ... alguma coisa do tipo?

Emerson: Uhum... Ah, então, como eu, como eu tinha comen-comentado [gagueja] assim, muito por cima, esse processo de começar a fazer trabalhos mais voltados à afetividade do homem preto em específico... é... se deu muito também como um processo de aceitação, né, porque a gente... é... consciente ou inconscientemente, tem muito... muito preconceito internac- [gagueja] internalizado, né, então... Eu era uma pessoa completamente preconceituosa e internalizada, e... isso me deixava extremamente confuso, porque... é... eu tinha alguns sentimentos e não sabia o que tava sentindo ou achava que era errado estar sentindo, então, é... cria essa confusão na cabeça da gente e essa... e essa ideia de culpa mesmo. E acho que não, não há nada não [gagueja] não existe nada produtivo que saia da culpa. Então, é... se libertar dessa, desses preceitos e dessas... dessas imposições e desses estereótipos, como você mesmo falou, de que o homem preto ele é... violento, ele é... mal encarado, ele é... insensível. Acho que tudo isso... é um processo muito doloroso, porque é uma coisa muito pessoal e ninguém pode te ajudar a... a mudar a sua mentalidade. Quem muda sua mentalidade é você, e se você quiser. Então... Acho que é um processo muito doloroso, mas é um processo que... ele precisa ser sentido, né? Porque... é... acho que assim que eu me libertei dessas... dessas... desses preconceitos e dessas imposições, eu me senti mais livre, num sentido mais subjetivo, mas num sentido mais coletivo também, de... de você sentir que você tá sendo plenamente você ali, sabe? É... Eu não me sentia plenamente eu em... nenhum momento, eu... Durante o meu ensino médio mesmo, por exemplo, eu... eu não, não me sentia. Eu... vestia um personagem ali de... de alguém que era socialmente aceito [pausa] e... acho que isso é uma das coisas mais perigosas que a gente pode fazer porque a gente acaba se esquecendo de quem a gente realmente é, né? A gente veste essa camisa ali do... desse preconceito... e... inconscientemente você acaba virando esse preconceito. Então, é, se libertar disso num... no sentido pessoal, me ajudou muito a me

libertar no sentido artístico também. Então, quando eu aceitei que... eu era assim e tava tudo bem, em ser assim, eu era um homem preto, eu era um homem bi [pausa] era um homem... que gostava de afeto, que gostava de carinho, era um homem... sensível às vezes, era um homem... que... que chora e que tá tudo bem chorar... E... e... e aceitar mesmo essas, essas coisas que às vezes são tão... pras outras pessoas são tão banais e tão, tão mínimas e tão... e é tanta bobagem, mas você aceitar essas coisas acho que me libertou muito no sentido de que a minha produção alcançou essa... esse local de... de estar ali me agradando 100%. Então... é, essa virada de chave mesmo na produção de, de trabalhos que tirem o homem desse lugar de, [gaguejando] dessa, dessa estereotipação mesmo, que já vem de séculos atrás, mesmo com a escravidão. Acho que é uma das coisas mais poderosas do meu trabalho, porque... a gente tá tão acostumado né, a ver... no noticiário mesmo, por exemplo, a ver... essa estereotipação de homens, de criança- até mesmo de crianças pretas, como... como marginais, ou como bandidos ou como... como sem futuro, então acho que você ressignificar essas... essas vivências pra si, mas ressignificar essas vivências pra comunidade também como algo positivo, e algo bonito, algo... válido, acho que é muito importante, porque... é... eu não tive essa... essas- essa representação positiva da... da infância preta, eu não tive essa representação positiva do homem preto, como alguém sensível, como alguém... gentil. O que a gente cresceu tendo mesmo foi essa representação da... da violência. E... e, por certo momento, a gente começa a acreditar nisso mesmo, né? E a gente veste, veste uma armadura ali de... de... de autoproteção ali, que é uma coisa assim, extremamente difícil de tirar depois, de como isso completamente [pausa] entra na sua cabeça de uma forma extremamente negativa, e... você começa a acreditar mesmo que aquilo é real. Então... acho que eu sou muito punk por ter [risos] por ter me... me libertado dessa, dessas amarras. E acho que eu nunca, nunca fui tão livre. Acho que isso é uma coisa que transparece mesmo. Acho que é... que essa liberdade acho que ela transparece de uma forma muito bonita e muito... muito especial.

Gabu: ... É... [pausa] Ahm... Quando você... você disse que decidiu começar a trabalhar, levar arte como seu trabalho, é... não faz muito tempo, faz alguns anos. É... Qual a sua meta agora? Tipo, pra onde você quer ir? O seu objetivo? Você tá fazendo exposições no, no MAR, no Museu de Arte do Rio, você tá tendo uma exposição aqui também no Sesc, que depois eu pretendo perguntar também sobre. É... Você tem alguma coisa que você... quer atingir agora, algum espaço que você... tá envisionando?

Emerson: Então, acho que [pausa] isso é uma coisa que eu não paro muito pra pensar, na verdade. Acho que, talvez eu deveria pensar um pouco mais sobre isso, mas [risos] acho que eu... que as coisas fluem muito naturalmente pra mim. Isso pode ser bom e ruim, né? Mas... é... eu sempre digo que o céu é o limite, né? E... e... Eu comecei a conversa falando sobre ser um curioso nato, então... acho que... eu nunca vou parar, sabe? Não acho que... não pretendo parar tão cedo. Acho que... tenho muito ainda a oferecer, muito... muito a conhecer, muito a produzir. E eu vou vivenciando, vou experienciando, vou produzindo, vou praticando. Recentemente, eu... como você falou aí no Sesc, eu fiz meu primeiro mural. Era um sonho que eu já tinha há um tempo, já. Então... acho que as coisas, elas vão acontecendo no tempo que precisa acontecer, sabe? Mas também não é no sentido de você... ficar ali sentado esperando as coisas caírem do céu, como... minha mãe diz, por exemplo. É... acho que você tem que correr atrás daquilo que faz sentido pra você e fazer da melhor forma

possível. Então, é... Às vezes você joga pro universo e não vem no momento que você imagina, mas em algum momento vem. Por exemplo, esse exemplo do muro mesmo. Era uma coisa que eu já queria fazer há um tempo. Que eu conversava com... com amigos que... Nossa, tenho vontade de fazer um mural, né? Será que um dia eu vou fazer um mural? E... eu ficava sonhando com isso, né? Com esse momento. Até que... em certo momento, veio esse convite do Sesc pra fazer um mural. Então, acho que as coisas, elas acontecem quando elas têm que acontecer e no momento em que elas têm que acontecer. Porque... é, acho que não dá pra apressar nada nesse sentido, acho que você tem que, você não pode virar, você não pode ficar num... numa ideia ali de... de ficar confortável demais, sabe? Acho que isso é perigoso também. Mas acho que você tem que... ir ali fazendo o que você... o que você gosta, o que você acredita, o que faz sentido pra você, e agarrando as oportunidades e as possibilidades conforme elas vão chegando, então. Acho que tudo que aconteceu comigo até agora, da menor coisa possível pra a maior coisa possível, do menor projeto pro maior projeto, acho que aconteceu exatamente quando tinha que acontecer, sabe? E o que não aconteceu também não, não era para acontecer ainda, então... acho que eu acredito muito nisso da... de que o tempo, ele cumpre seu papel, sabe? Mas o céu é o limite, eu quero [risos] quero ir além, quero... ocupar tudo quanto é espaço, acho que... acho que é muito importante tá... tá participando do... das exposições que eu tô participando hoje em dia. Acho que é muito importante ter um trabalho no... na, no acervo de Inhotim. Acho que é muito importante... ter trabalho em acervo no Sul. Acho que é muito importante tá participando no Rio, ter participado na Bahia, tá participando em São Paulo. E... o Brasil é... pequeno aí pra, pra tanto azul, então [risos] quanto mais azul tiver, melhor. A gente... O céu é o limite.

Gabu: Aham... É... Qual foi... a sensação tipo, de conseguir ter pintado um mural? É uma coisa muito difícil do que você geralmente faz?

Emerson: Nossa! É... [risos] Foi um desafio gigantesco. É até... é até doido parar pra pensar nisso, porque... eu era completamente leigo [pausa] no... no assunto mural, assim, é... no sentido prático do assunto mural, completamente leigo. E eu deixei isso bem claro pra eles desde o começo. Falei, ó, meu primeiro mural, não sei o que estou fazendo, me guiem, me auxiliem e vamo junto, vamo fazer acontecer. Aí eu tive auxílio né da, na execução desse mural, do... de um cara chamado Matias, que já era... já é mais, mais familiarizado com... com murais, com pintura de murais, pintura de paredes. E isso acabou me ajudando muito porque... eu tenho medo de altura, por exemplo. [risos] Então... o... o muro lá do Sesc, ele tem seis metros de altura só no nível da rua. E ele tem mais uns dois, três no nível... no nível abaixo da rua. Então, era ali que você tá suspenso a nove metros de altura, por exemplo. Durante uma... sei lá, uma segunda-feira com sol rachando...

Gabu: Aí!

Emerson: ...Então, acho que é uma coisa muito... muito física mesmo. É um... Demanda muito... muita força física mesmo pra fazer um mural. E é uma coisa que você só... só... só entende quando você tá ali mesmo na... nessa rotina de produção. Então, é... é... Tem a força física mesmo, no sentido de... de você tá ali pintando mesmo nessa posição que é completamente desconfortável. E tem a... a questão de... de... sei lá, você tá 11 da noite lá no Sesc pra poder projetar o desenho no muro porque é o único horário possível. Então... ficar até uma da manhã projetando um desenho no muro, num... num domingo de Páscoa, porque a gente projetou ele no domingo. É... Acho que tem uma, uma questão muito... até

muito conceitual também, se for parar pra pensar, porque a gente começou o trabalho no domingo [pausa] de Páscoa, e ele foi terminar na, numa sexta, que é dia de Oxalá. Então, acho que é... Tem ali uma... uma... questão de força mesmo que... que... uma força que eu recebi assim, é... dos ancestrais, assim, gigantesca, porque... é... se eu falar que foi fácil, não foi fácil não, nem um pouco. [risos] A gente teve trabalho pra escolha das tintas, porque eu sou muito exigente, até pedi desculpa pra eles, mas ah faz parte, né? A gente teve que produzir uma tinta pro muro, porque... os azuis que tem no mercado não tavam me agradando, de forma alguma, não era o azul que eu usava, justamente por ser um azul muito específico. Aí a gente encontrou essa... essa moça chamada Priscila, que tem... uma... uma produção de... de... de tintas e pigmentos de mais de 30 anos. Então a gente levou uma amostra do meu azul pra ela, ela fez o azul perfeito. Assim, é a coisa mais linda do mundo, o azul dela. Quero... me pintar daquele azul. E... foi uma escolha, assim, muito imediata, sabe? Porque a gente fez esse teste de... de cores no muro lá, antes de começar a execução do muro. E a gente pegou essas cores do mercado, que vende, *Suvinil*, *Acrilex*, etc. e... a gente colocou esse azul em cima. E o contraponto entre os azuis é uma coisa... é uma coisa, assim, absurda, sabe?... De você olhar e falar, é isso. Não, não tive dúvida desdo, desdo começo. Aí nisso a Priscila, que é da *New Tintas*, ela produziu o azul e o dourado também, porque a gente teve dificuldade, muita dificuldade pra encontrar um dourado que fosse... é... agradável pra mim. E acho que isso... isso também é muito importante, porque eu, eu me senti muito ouvido durante esse processo. Acho que... artistas em geral até se assustam né com [risos] com isso. Como assim cê tá valorizando o meu trabalho? É... E eu sen-, eu me senti muito acolhido e muito ouvido durante esse processo, então acho que isso facilitou um pouco a execução. A gente levou ali um, uma semana entre começar e... e finalizar. Acho que foram dias muito intensos de... de trabalho, de... de execução mesmo. E pra muito além da questão de... de produção física mesmo, acho que produção conceitual também foi muito difícil pra mim, porque... é... principalmente pelo formato do muro. É, é... Acho que isso foi uma... Uma coisa que... mediu muito essa... essa execução e essa chegada até *Romaria*, que foi o trabalho escolhido. Acho que é uma coisa que... foi muito premeditada mesmo. Acho que, até por esse sentido de que as coisas acontecem quando tem que acontecer, *Romaria* é um trabalho que já existia. Ele era um rascunho que eu tinha ali, eu faço rascunhos digitais e deixo no tablet, né? Às vezes não é o momento dele acontecer, ele fica ali dormindo por um tempo, até eu sentir que ele tem que voltar. E *Romaria* era um trabalho que já existia, tava ali, submerso ali na... nos meus um milhão de rascunhos, e... assim que... eles me falaram sobre a execução do muro, eu falei, legal, é... cês podem me mandar o... as medidas do muro e tal, e ele é super irregular, ele é completamente irregular, porque ele começa gigantesco assim na ponta, que é a par- a face ligada à rua, e ele vai afinando, sabe, lá pra cima. Aí eu fiquei, meu De- [risos] meu deus, que que eu vou fazer? Meus trabalhos são quadrados, que que eu vou fazer [pausa] com um muro que é esguio, de 6 por 22? Que que eu faço? Aí eu fiz uns rascunhos até, antes de chegar ne-... nesse outro rascunho que eu já tinha, mas nada tava me agradando, sabe? Acho que eu tava indo muito mais para um sentido de, de preenchimento do muro, de não querer que ele ficasse vazio, por ser um muro muito grande e com muita visibilidade, e muito menos por um sentido de fazer algo que eu tava realmente gostando. Até que eu cheguei em *Romaria*, que também era um trabalho quadrado [pausa] e eu falei, perai, esse trabalho não nasceu pra ser quadrado, esse trabalho nasceu pra ser retangular. E foi aí

que eu apresentei eles pra curadoria e pra produção, e eles falaram, é isso! Não... não faz ajuste nenhum, é isso... vai ser esse mesmo. E... primeiro eu mostrei pra produção, né? A produção encaminhou pra curadoria. Aí a produção até brincou durante esse período e falou, a gente vai mandar pra eles como confirmação, não como pergunta, porque [risos] porque é esse o trabalho, não tem outro, é isso. Vai ser ele e pronto, acabou. Então a gente só vai falar, ó, o trabalho do Emerson é esse aqui e... a gente vai começar semana que vem. E... acabou que foi isso mesmo, assim, eles... eles aceitaram de primeira e fazia total sentido com a... com a questão conceitual da exposição mesmo, que acaba por não ser uma coisa intencional, mas é uma... uma temática que é muito frequente no meu trabalho, então casa completamente tudo que eu fiz, qualquer coisa que eu fizesse ali faria sentido, e... no sentido de... de convite mesmo, é uma coisa que eu trago muito de... em relação a esse trabalho, é como se ele fosse um convite mesmo pras as pessoas entrarem no Sesc mesmo, e visitarem a exposição, porque elas tão ali com o seu fio de ancestralidade, elas tão entrando no Sesc, as, as matriarcas. E por *Mátria* estar participando dessa exposição, tem essa, essa questão conceitual delas estarem entrando para visitar esse... esse futuro de restituição. Então, é... Todas ali são essas mátrias poderosas e gigantescas que, que te convidam a entrar no Sesc também pra, pra visualizar esse futuro, sabe?

Gabu: É uma pintura muito linda, eu tô planejando de ir lá...

Emerson: [risos]

Gabu: ...ver...

Emerson: Vai!

Gabu: ...porque parece incrível.

Emerson: Vai! Ela... ela veio menor pro Sesc infelizmente... Eu tava com três trabalhos nela né... quando ela, quando ela tava no Rio e quando ela foi pra Bahia também a gente manteve a... a diagramação original. Mas aí e o espaço do Sesc, o espaço expositivo que eles tinham disponível era menor dessa vez, aí é que acabou que ela teve que dar uma reduzida, aí de três trabalhos meus foi pra um... que é *Mátria* né, *Mátria* acabou ficando... Mas a potência dessa exposição é uma coisa sem tamanho. Durante a abertura mesmo, estava lotado, você simplesmente não conseguia se mover ali dentro do Sesc, e o Sesc é gigantesco, mas você simplesmente não conseguia se mover, seja na área ali embaixo, onde estava acontecendo mesmo a abertura oficial, seja na exposição, era muita, muita, muita, muita, muita gente. E acho que isso é muito, muito importante, né, porque *Um Defeito de Cor*, por exemplo, veio só ter essa visibilidade, essa valorização, é uma coisa muito recente, né, do livro [pausa]. Então acho que é muito, muito importante as pessoas estarem conhecendo mais a história do... do livro e conhecendo a produção de artistas novos também, porque tem muitas artistas novos participando da... da exposição. Eu sou um deles né [risos].

Gabu: Aham.

Emerson: [bebe água].

Gabu: É extremamente impactante [pausa]. Uma coisa: você tinha dito que você foi pra PUC... é, pra aprender uma arte teórica porque você sempre teve... é... essa arte prática na sua vida. Você chegou a fazer pesquisas, tipo desenvolver nessa área também ou... acabou que a parte prática acaba sendo... a sua primeira e única paixão?

Emerson: Então, é... acho que pesquisa acadêmica mesmo, eu cheguei a fazer algumas, entre elas meu TCC [pausa] e... isso era uma coisa que... eu achava muito importante trazer,

principalmente porque o curso na PUC ele era... ele vestia essa camisa da inovação... - agora falando um pouco sobre isso - ele vestia essa camisa da inovação mas ele ainda era muito centrado em... em temáticas que... que já vinham ali por exemplo do... dessa sensação que eu tinha no ensino médio ou no fundamental, de que a gente tava falando só sobre o ocidente só, sobre a Europa, sobre só... só sobre produções consolidadas. E isso era uma falta que eu sentia pra muito além de, pra muito além da questão teórica... eu era um dos alu... dos únicos alunos pretos da faculdade. Se eu não me engano eram três pessoas... no meu campus... três pessoas pretas... e eu era o único aluno... que tinha passado - entrei pelo Prouni -, era o único aluno preto que tinha passado em Artes, em História da Arte nesse período... Então [pausa], é... você se sentia... isolado mesmo, num, num sentido físico mesmo de você tá se sentindo sozinho ali, mas isolado num sentido teórico também, porque... [balança a cabeça] não era falado sobre produções de... de outros artistas que não fossem consolidados ou que não fossem brancos, ou que não fossem ocidentais. Então... é... através dessa falta, dessa necessidade, eu comecei a trazer essa temática, eu falei: “não, é importante que eu traga... traga coisas que façam sentido pra mim também aqui na faculdade”, então... [pausa] quando havia algum trabalho, algum seminário, alguma coisa, eu sempre fazia questão de trazer produção de artistas pretos... é... artistas mulheres pretas... Quando tinha algum trabalho mais prático, por exemplo, a gente teve um... um trabalho uma vez que a gente teve que pegar uma exposição [pausa] que tava acontecendo em um lugar e transferir pro outro... [pausa] numa, numa maquete mesmo sabe? E nesse período tava rolando, eu não lembro qual que era, mas tava rolando uma exposição de uma mulher preta... no CCBB [pausa], aqui de São Paulo, e eu trouxe essa exposição do CCBB pro espaço do MASP. Então... é... são coisas assim pequenas mas que você vai ali impondo o seu lugar na... na... na... nesse ambiente acadêmico que é extremamente fechado né, então... Meu TCC mesmo, meu TCC eu falei sobre... três artistas pretos de diferentes períodos: eu falei sobre a... o Arthur Timóteo [pausa], eu fiz uma cronologia né... Eu coloquei Arthur Timóteo como passado, ali onde a gente... onde ele era um artista ainda que precisou velar sua identidade por um... por um tempo, para poder ser validado como um artista de... de natureza-morta ou de, de retratos de família, que era muito comum naquela época - ele mesmo se pintou como branco muitas vezes, porque... artistas pretos não tinham vez mesmo durante... esse período pós, pós-escravatura, começo assim da... do final da escravidão... Eu trouxe a Rosana Paulino como presente porque... ela é uma força da natureza completamente, assim. Tive inclusive o... o apoio dela nessa pesquisa, eu... não foi esse trabalho assim afastado, sabe, da produção dos artistas onde você fala sobre eles mas você não tem contato com eles... Eu... estive em contato com ela durante todo esse período e sou muito feliz por ela ter me ajudado... é... é uma mãe para mim mesmo [risos]. E... o futuro eu trouxe o Maxwell também que tava ali no começo da produção, e... foi assim incrível comigo, me auxiliou muito com muitos materiais, com muitas entrevistas. Eu... eu enchia bastante o saco dele durante esse período porque [risos], além de ser um artista que eu gostava muito e acreditava muito, é... não só por isso tinha trazido ele como futuro, era... uma pessoa assim completamente acessível no sentido de, de tá aberto a... a essa pesquisa mesmo que eu tava fazendo e tá interessado no que eu tava produzindo então, é... eu sou muito feliz por ter trabalhado no presente e no futuro com artistas vivos... e... que estavam ali produzindo e... e... acompanhando essa produção [pausa]. E... acabou que isso foi uma

espécie de, de previsão mesmo porque... Maxwell segue aí como [pausa] com a produção e sendo literalmente um dos artistas mais importantes da atualidade no, na cena preta, na cena contemporânea, então eu acho que eu tava meio certo em trazer ele como futuro mesmo no... nessa produção. Então... era, era assuntos que eu trazia mesmo com frequência... Ficasse redundante ou não, vou falar sobre gente preta. Vocês não tão falando, eu vou falar. Então, por mínimo que fosse, um seminário, qualquer coisa, eu inseria produções pretas no ambiente da PUC e isso era muito... muito potente porque eu tava ali, era eu e essas produções, sabe? Não... não haviam professores pretos, não haviam alunos pretos... os pretos tavam ali pra... pra limpar chão e servir cantina, então... é... [pausa] Eu me sentia pressionado, nesse sentido, mas eu me sentia muito corajoso também de tá tendo essa... de tá tendo o peito de, de trazer essas produções pro esse ambiente, então... é... até que eu fui entender que eu tava ali num... num lugar que se dizia completamente aberto a... a novas discussões mas na prática você não... não sentia isso, foi um processo bem, bem demorado e bem complicado.

Gabu: Sim, é... Uma coisa que... [pausa] sempre fica na minha cabeça, é... é muito difícil, sendo um homem preto, de fazer uma arte que, como você disse antes, tudo o que você faz é considerado político, né? E é muito difícil fazer uma arte também que não seja política, porque parece que se representar já é um ato político extremamente forte. Você chegou a receber muitas críticas ou respostas sobre, sendo... vindo de professores ou de críticos da arte, falando que talvez a sua arte estivesse ou não crítica suficiente ou crítica demais, porque eu sei que pelo menos na época que começaram a ter os espaços de exposições pra artistas negros, várias vezes, se a arte não fosse demonstrando um sofrimento, não era negra o suficiente para ser mostrada. E como a gente discutiu, a sua arte não traz, é, aquele sofrimento que a gente espera ver. Sua arte traz afeto, sua arte traz cenas do dia-a-dia, pinta [pausa] as pessoas ao seu redor, as pessoas da favela, pinta as pessoas comuns, os homens pretos, as mulheres pretas normais. Isso foi uma coisa muito difícil de se lidar no mundo da arte no começo?

Emerson: Foi, foi extremamente difícil porque é uma quebra de expectativa, né? Minha arte é uma quebra de expectativa. Você... você, como sociedade, não espera que artistas pretos falem sobre... sobre as temáticas que eu trago, por exemplo. Acho que isso é uma coisa até muito dos artistas contemporâneos, porque [pausa] é... essa colocada numa bolha mesmo, como, por exemplo, a produção de artistas originários tem que estar ligada à vivência dos artistas originários. A produção de artistas pretos tem que estar ligada à vivência de artistas pretos. A produção, etc, etc. E como essa... esse povo de fora tem essa ideia de que nossa vida é sofrimento, se a gente não tá falando sobre sofrimento, a gente tá falando sobre o quê? O que vocês têm a oferecer além de dor e de uma herança de tristeza e de... subversão? Então, acho que é uma quebra gigantesca de expectativa e as pessoas ficam muito frustradas mesmo, e eu acho ótimo que fiquem. É pra ficar frustrado mesmo porque [pausa] porque falar sobre outros temas que são relevantes pra mim não é ignorar a existência desse passado, mas sim... é... colocar o foco em outras perspectivas, perspectivas que são mais nossas mesmo, e não de vocês, sabe? Então, é... fazer arte que se espera é se moldar diante do outro, diante da percepção do outro, e não de você. Então, o que você tá produzindo não é de verdade. E se sua arte não traz verdade, sua arte traz o que? Nada, né? Então, acho que... [pausa] que essa quebra de expectativa é muito importante e acho que eu acabei por ficar isolado por muito tempo da... desse campo de produção artística, principalmente de São Paulo, justamente

porque eu não... não eram temas que eram relevantes pra mim. Até cheguei a fazer trabalhos que... que falavam sobre essas violências, sobre como o Estado pode ser repressivo, e pode ser cruel, e pode ser genocida mesmo. Mas era uma coisa ali que eu tava fazendo... que eu sabia que eu estava fazendo por demanda, e não porque era um assunto que eu queria tratar, porque essas violências já invadem a gente diariamente, né? Então, são coisas que você está vivendo ali na pele, você não... a não ser que seja algo que você realmente queira trazer no seu trabalho, como uma escolha pessoal e não como uma questão de demanda, não faz sentido que você fale só sobre dor ou sofrimento, ou sobre perda, ou sobre genocídio, ou sobre escárnios, coisas sanguinárias. Acho que... [pausa] que... é tão importante quanto falar sobre essa nossa, esse nosso momento de tranquilidade, sobre esse nosso momento de lazer, sobre esse nosso momento de paz mesmo. Acho que a gente, acho que falta muito, acho que tem uma demanda muito forte, falando em sentido de demanda, acho que tem uma demanda muito forte pela verdade, pela representação de pessoas de verdade, pela representação de... de vivências de verdade, em coisas que as pessoas se identifiquem pra muito além desses preceitos que esperam da gente mesmo, então... [pausa] É... já recebi, sim, muita crítica sobre isso, já... [pausa] já... recebi comentários de pessoas falando que eu tava representando um mundo de sonhos, que a vida real não é assim, e que eu deveria colocar um pouco mais o pé no chão e que acho que todas essas coisas assim, todas, tudo que você pode imaginar nesse sentido eu já recebi sim, então... é, não levar isso pro coração também é muito importante porque o que eu faço faz sentido pra mim e faz sentido pros outros em contrapartida e é uma coisa completamente ali despretensiosa em agradar, não quero agradar ninguém, quero me agradar, então se faz sentido pra mim, se tá bonito pra mim, eu jogo pro mundo e o que vier de retorno é consequência. Então... acho que todo esse reconhecimento, toda essa... essa... todo esse feedback positivo que tem ocorrido comigo nos últimos anos, acho que tudo isso é consequência de estar sendo alguém de verdade falando sobre coisas de verdade. Acho que eu tô no caminho certo [risos].

Gabu: [risos] Eu concordo, com certeza. É, uma... isso é um pouco uma curiosidade até, eu diria. A gente conversou sobre os seus signos nas suas obras, com o foco na rosa, mas a primeira questão (uma coisa que eu tinha acabado pulando, sinto muito) que é as estrelas. Tem essas grandes estrelas douradas com o fundo azul - como você disse, “enquanto estiver azul, você tem espaço que você pode salvar pra você” - e o nome *de.saturno* também, que eu admito eu te conhecia como *de.saturno*.

Emerson: [risos]

Gabu: Tanto que... eu virava... eu, quando eu fui trazer o tema para os meus colegas eu fiquei: “ah, vocês conhecem o *de.saturno*?” “ah, qual nome de...” “O *de.saturno*!”. Que as estrelas, o azul é uma das coisas que [pausa] fica. Você... tipo, é mais uma estética, é... por causa do azul, é por causa de aumentar esse sentido de divindade também da pessoa negra junto com o azul, como a gente disse, do manto da Maria? Tem algum motivo ou foi só... você colocou e acabou ficando?

Emerson: Sim e não. É, eu... Eu acho que... [pausa] Essa ideia da estrela como uma coisa muito fixa, porque ela tá presente em muitos trabalhos, aliás, em todos os trabalhos. Mas quando eu comecei a fixar esse uso do azul como algo que era imutável ali, eu... a estrela também se tornou algo imutável. Então, é uma coisa que eu sinto falta se eu não fizer hoje em dia até. Acho que é uma coisa que se firmou mesmo na minha produção e é uma coisa que eu

não... não faz mais sentido pra mim não utilizar. E pra mim ela tá muito ligada a essa questão de esperança. Eu sempre fui uma pessoa que gostava muito de astronomia, né? Astrologia também, mas acho que mais pra um sentido de estético mesmo, porque eu não entendo muito sobre signo, não. Entendo um pouquinho sobre o meu só. E... sou sagita. E eu era uma pessoa muito viajada quando eu era mais novo, então eu ficava ali... eu sentava às vezes à noite depois da janta e ficava olhando para o céu e viajando com as estrelas, né, então... A gente tinha um quintal aqui em casa aberto e antigamente dava para ver melhor as estrelas, não tinha tanta poluição assim quanto hoje em dia, antigamente o céu era mais azul. E... eu ficava ali, viajava completamente, ficava por horas e horas olhando para o céu e olhando como as estrelas brilhavam né, como umas brilhavam mais que outras e era uma coisa que me fascinava. Então, esse uso da estrela é como uma rememoração mesmo do Emerson pivete ali que viajava completamente nos assuntos ligados ao céu, então... Uma coisa que muita gente traz, principalmente em relação ao meu trabalho, é que muitas vezes parecem cenas noturnas né, com esse uso do azul ou o uso da estrela, mas não acredito que seja algo totalmente intencional não, em parecer algo noturno, porque acho que relaciona muito a questão da cor da pele estar mais escura e muita gente traz o filme *Moonlight*, por exemplo, como, como algo que remete muito ao meu trabalho e é uma coisa que eu fico extremamente honrado porque eu sou apaixonado por *Moonlight*. *Moonlight* é literalmente o filme da minha vida, então... [risos] Então, sempre que relacionam isso da forma mais despretensiosa possível, eu fico sem chão, porque é uma coisa que faz muito sentido. Mas esse uso da estrela, até eu me chamar de Saturno mesmo, acho que é essa rememoração do Emerson pivete, porque Saturno era o meu planeta favorito, quando eu era pequeno, ele... Os outros eram tão redondos, tão... ah, sem graça, sei lá, então, simples. E Saturno não, Saturno tinha seus anéis lá, ele era super imponente, ele era o cara, né? E... e eu desenhava muito Saturno nos meus cadernos, ficava desenhando Saturno durante a aula, às vezes desassociava ali por um momento e viajava para outro lugar, aí desenhava os meus Saturninhos, as minhas estrelas no caderno, e acho que isso vem como esse sentido de signo e como esse sentido de me chamar assim mesmo, como um presente pro Emerson mais novo mesmo, o Emerson pivete, pra mostrar que o que ele sentia, o que ele fazia, o que ele acreditava era válido e era importante, então... Tudo que eu faço, tudo que eu sou, eu devo muito a ele, né, então... [pausa] pra mostrar pra ele que deu certo mesmo, sabe? Que, que a gente não... que viajar era uma coisa boa e que ficar com dor no pescoço de tanto olhar pro céu era uma coisa boa e que isso tá valendo a pena.

Gabu: É, eu tô... Eu fico falando, mas é... Agê, Arisa, caso vocês queiram fazer perguntas também, é só porque eu acabo me metendo aqui e vou indo. Desculpa. [pausa] É... uma coisa...

Arisa: É...

Gabu: Pode falar. Vai!

Arisa: [risos] Cê tava comentando isso de você, de você pivete, mas você teria assim... algum comentário, alguma fala para a gente, para os nossos colegas que estão começando, estão iniciando essa produção, o estudo nesse mundo das artes?

Emerson: Tenho, tenho. Acho que é até uma coisa que eu já falei, acho que [pausa] tentar não se prender, [pausa] se prender aquilo que esperam de vocês é uma coisa muito difícil, eu falo por experiência própria, mas é uma coisa que vocês precisam fazer, acho que é preciso ter muita coragem, acho que... ser artista e viver de arte no Brasil é uma manobra de total

coragem, tem que se jogar mesmo de cabeça. A arte é um abismo escuro e por muitas vezes incerto, mas se você sente no seu coração que você nasceu pra isso, se joga de cabeça sem esperar retorno ou esperar aceitação. Se é uma coisa que faz sentido pra você, só vai, sabe? Então... E tenta ser de verdade sempre, acho que... que se focar naquilo que faz sentido pra você enquanto profissional da arte ou enquanto artista, acho que é uma das manobras mais importantes e mais... e mais válidas. Acho que essa autenticidade de ser você mesmo é o que te deixa... te diferencia das outras pessoas, porque a gente mesmo muitas vezes quer ser outras pessoas e até perceber que é impossível fugir de si mesmo, então... Acredita em você e confia em você, e faz aquilo, e se foca naquilo que você acredita, que uma hora vai [risos]. É isso.

Gabu: Ai, conversar com você me dá vontade de pegar um pincel e pintar.

Emerson: [risos]

Gabu: [risos]

Emerson: Fácil nunca foi, né? Fácil nunca foi pra ninguém. [pausa] A gente fala e ri sobre as coisas hoje em dia, mas... Acho que só cada um sabe como é a vida e como as coisas se sucederam até a gente estar aqui nesse momento. Então, fácil nunca foi e nunca vai ser fácil também. Mas tentar não deixar que isso te paralise, acho que é uma das manobras mais corajosas que vocês podem ter. E estar trabalhando com arte, estar estudando arte, vocês são... vocês são incríveis porque... é completamente ir na contramão do que é esperado. Como assim vocês não são médicos ou engenheiros ou, sei lá, agrônomos? [risos] Vocês são... vocês gostam de arte? Como assim? Vocês são tão diferentes. E é isso. Acho que é... preciso muita coragem pra, pra seguir esse rumo.

Gabu: É. Mas é um rumo que quando tem paixão, quando tem carinho, fica difícil ficar longe, né?

Emerson: É impossível, né? Impossível. Você pode tentar fugir de você o quanto você quiser. Tem uma frase que ela é muito... acho ela é muito forte, né? Que traz até esse sentido de, de você... pode tentar fugir da arte o quanto você quiser, mas uma hora ela te chama. E quando ela te chamar, você vai. Não adianta. E quando ela me chamou, eu fui. E estou aqui até agora.

Gabu: Felizmente.

Emerson: [risos]

Gabu: Uma coisa que eu gosto bastante que você faz, é uma coisa que eu acabo [pausa] percebendo que vai sumindo um pouco com outros artistas nacionais que eu acompanho, é que você traz muito a vivência, a experiência e a simbologia de ser brasileiro. Tipo, você não tem vergonha disso como a gente já ouviu alguns professores falarem. Tipo, “ah, a gente estuda arte brasileira, mas não necessariamente fala sobre a nação Brasil”.

Emerson: Uhum.

Gabu: E você pinta, você pinta bandeira, você... Coloca... uma que eu gosto muito, que é aquela que tem um menino com três óculos e tem as cores da bandeira. Eu fazia isso quando eu era criança.

Emerson: [risos] Eu também!

Gabu: Eu ficava roubando óculos da família inteira [risos]. Isso é uma coisa tipo, porque é meio difícil às vezes amar tanto o seu país quando junto dele vem tantos preconceitos e estereótipos. É... como você se sente fazendo essa representação?

Emerson: Nossa, é... é... como você falou, é bem difícil mesmo, porque [pausa] o Brasil é uma montanha-russa completa. Acho que não tem definição melhor pra isso. Até se a gente for pegar o exemplo da bandeira, o que se tornou a nossa bandeira durante o período de trevas que foi o momento presidência Bolsonaro, esses quatro anos de... de, em que a gente teve esse momento completamente obscuro e o que a nossa bandeira, que eu acho tão bonita, tão... acho que ela expressa tão bem o que é o país, eu acho que... foi muito preocupante, como os rumos que foram se tomando mesmo no âmbito social e até mesmo no âmbito artístico mesmo, porque isso foi se tornando uma coisa muito partidária, sabe? E eu acho que... que retomar esses signos de uma forma que seja mais válida e que faça mais sentido, eu acho que é muito importante. Então, por isso, essa bandeira é um dos meus trabalhos favoritos, *Amor e Progresso* é um dos meus trabalhos favoritos. E eu troco né essa *ordem* porque a gente viu durante esse tempo, aliás, a gente vê desde que o Brasil é o Brasil, o que a ordem fez com o Brasil. Então, colocar o amor no lugar da ordem ali, acho que também [risos] foi uma manobra bastante corajosa da minha parte, porque é preciso a ordem, claro, mas quando foi que a gente esqueceu o amor, né? Então, amor como algo que guia a nação mesmo, amor pelo país, amor pela sua mãe, amor pelo, sei lá, amor pelo seu cachorro, amor pela sua bandeira. Então, acho que fazer essa troca da ordem pelo amor ali e executar essa bandeira aqui, que traz uma simbologia muito forte pra minha geração, e... acho que isso é muito forte, muito importante, muito potente. Ah... eu gosto de desenhar bandeira. Eu sempre gostei de como as bandeiras são diferentes, né, e elas têm símbolos muito específicos e como elas traduzem bem os países de onde elas são. Acho que é um êxito muito grande. Então, é... trazer novas representações de bandeiras é uma coisa, acho que muito... muito coletiva dos artistas da atualidade, porque tem muitos artistas, amigos meus, inclusive, que nesse processo aí de obscuridade acabaram por fazer, por remodelar a bandeira à sua vontade. Acho que esse é um movimento muito forte, muito poderoso, porque... como eu disse mesmo, acho que a gente acabou por banalizar mesmo esse... esse símbolo que é tão importante e que tá com a gente a todos os momentos né, desde que a gente se conhece por gente. Então... é... acho que essas manobras de ressignificar não só a bandeira, mas essas vivências, como você falou, sobre o que é ser brasileiro mesmo, acho que são manobras muito importantes, porque... é... até no sentido de visão de fora mesmo, a visão que os gringos têm do Brasil, ela é extremamente estereotipada, né? E por vezes a gente acaba acreditando que o Brasil é isso mesmo, sabe? Um exemplo bom disso era a visão que eu tinha do Rio de Janeiro, antes de conhecer o Rio de Janeiro. A visão que a gente tem do Rio de Janeiro é uma coisa extremamente estereotipada, se baseada no que a mídia traz sobre o Rio de Janeiro, que é um Rio violento, um Rio dominado pela criminalidade, um Rio onde as... onde as crianças desde pequenas já estão envolvidas com a marginalidade e a gente acaba por comprar essa ideia. Isso é [pausa] uma coisa perigosa porque a gente toma isso como verdade e essa verdade acaba por virar algo absoluto e isso te afasta de conhecer realmente o que é o lugar. Quando eu fui pro Rio de Janeiro a primeira vez, foi uma virada de chave completamente pra mim, porque... é a beleza e a brasilidade que exala o Rio de Janeiro é uma das coisas mais incríveis assim e foi uma coisa que me impactou completamente, pessoalmente e artisticamente. Então, acho que é até um ponto interessante para eu ter começado a pensar o que é ser brasileiro e o que é o Brasil, foi ter ido para o Rio de Janeiro e conhecido a rotina do Rio de Janeiro. Eu costumo dizer que eu sou mais feliz no Rio porque

[risos] porque para mim, é... amo São Paulo, amo e odeio São Paulo, acho que na mesma frequência eu amo e odeio São Paulo, mas eu me sinto mais feliz no Rio. Acho que as pessoas são mais felizes no Rio porque eu sinto mais verdade no Rio de Janeiro, então quando eu vou pra lá eu sinto que eu posso ser mais eu, sabe? E... tanto, acho que tanto até por isso que eu costumo dizer que eu sou paulistano, mas meu coração é carioca, porque é uma coisa assim que é inexplicável pra mim quando eu vou pra lá. É uma liberdade assim sem tamanho. Então, acho que a partir daí, de vivenciar mesmo esses Brasis que podem ser tão múltiplos e tão maravilhosos, tão incríveis: nosso país é tão gigantesco e tão rico em cultura, em arte, em poesia, seja lá o que for, e eu acho que só a gente vivenciando mesmo essas manifestações que a gente consegue entender a dimensão e a importância mesmo, então... pensar sobre o que é ser brasileiro e o que é o Brasil, acho que é muito importante para os artistas contemporâneos, como uma temática de produção artística, mas como uma temática de pesquisa artística também, porque é essa retomada de controle mesmo, de que brasileiros falando sobre o Brasil, não sendo importada de fora essa imagem com filtro laranja do Cristo e tocando um sambinha de fundo, sabe? Acho que é preciso mesmo que a gente... nós, brasileiros, pensemos mais sobre o que é ser brasileiro e sobre o que é o Brasil, pra muito além desses estereótipos e dessas coisas tão fixas que a gente aprende desde pequeno.

Gabu: Sim, com certeza. Essa imagem representada do Brasil, é... eu já vi em muitos shows, muitos filmes, em muitas coisas. E, inclusive, eu estava procurando aqui, mas eu... Ah, achei! Que eu tenho um péssimo problema com nomes.

Emerson: [risos]

Gabu: A sua arte que eu vi, eu não sei muito das suas referências, inclusive, se você quiser falar sobre elas, seja as referências do exterior até as brasileiras. Mas a mesma sensação quando eu vi sua arte pela primeira vez foi quando eu vi a arte do Heitor dos Prazeres pela primeira vez. Que no período logo depois da escravidão, o que ele representava era as pessoas ao redor dele dançando. E com roupas coloridas. E esse amor, tipo... Era isso! A gente não...

Emerson: Uhum.

Gabu: A nossa bandeira não significava um partido ou outro e ser preto não significava ser escravo. Significava ser preto. significava ser você.

Emerson: Sim!

Gabu: E essa situação que trouxe, eu queria saber das suas inspirações também sobre.

Emerson: Ah, o Heitor, ele é uma grande inspiração pra mim. Eu acho que eu aprendi muito com os mestres, os mestres, é... da arte brasileira, que retratam temáticas que são muito importantes pra mim. O Heitor, a Maria Auxiliadora, que também traz essas vivências pessoais como... como algo importante, e a dificuldade que ela teve também pro reconhecimento, que foi uma coisa bastante tardia. Abdias também, que é uma referência sem tamanho para mim, desde sempre. É... a Carolina Maria de Jesus também. Acho que todas essas produções, sejam elas de literatura, sejam elas de artes visuais, que falam sobre... sobre si mesmo de uma forma tão única e tão importante, acho que tudo isso me impacta de uma forma muito positiva. O meu contato mesmo com museus foi meio tardio, então tudo que eu conhecia de produção teórica às vezes era por livro ou por... ou por [pausa], sei lá, panfletos ou qualquer outra coisa. Mas esse contato com o museu de uma forma meio tardia acho que

me prejudicou porque é, uma questão de acesso mesmo, porque morar na periferia e ir até esses ambientes que são extremamente fechados e podem não parecer, mas são completamente exclusivos, era uma coisa assim que me aterrorizava. Então, eu meio que comecei a visitar museus quando eu entrei na faculdade, por exemplo, isso eu já tinha meus, sei lá, 18, 19 anos. Então, é tarde, né? Muito tarde. Então, entender que esses espaços eram também pra mim e que era importante que eu conhecesse a produção desses artistas, e dessas pessoas, era muito... apesar de ter sido tardio, foi muito importante porque acho que foi a partir daí que eu comecei a me entender como artista também. E que a gente poderia sonhar em estar nesses ambientes, mesmo como algo que, sei lá, lá em 2016, 2017, parecia impossível. Mas todo artista sonha, né? Com, estar ocupando esses ambientes. Então, quando eu conheci Carolina Maria de Jesus, quando eu conheci a produção da Maria Auxiliadora, quando eu vi o Abdias pela primeira vez ao vivo, porque eu tinha visto nos livros de história, a gente via, né, os trabalhos deles em livros de arte, em livros de história, mas ver pessoalmente é uma coisa que te paralisa, porque... é... Tomando o Abdias mesmo como um exemplo, ele é meu artista favorito assim desde que eu entendi que eu gostava de arte, sabe? Então, quando eu cheguei ali no MASP, acho que na primeira vez que eu fui no MASP, ele é do acervo do MASP, né? O *Okê Oxóssi*, que é o meu quadro favorito dele. A primeira vez que eu fui no MASP, eu tava ali me sentindo completamente incomodado, pelo ambiente, porque o ambiente ele te condensa mesmo né, ele te reprime de uma forma assim que pode... essas violências que te atravessam de uma forma tão sutil, mas você depois percebe né, sabe? E estar ocupando esse ambiente, mas assim que eu vi o Abdias no MASP, assim, nossa! Foi como se eu estivesse vendo um anjo na minha frente, porque foi... Foi como se fosse a realização de um sonho mesmo, de estar vendo aquele trabalho que você conhecia só por livro, você estar ali na presença dele e as cores vibrantes que ele usava, a técnica genial de... dos trabalhos dele, uma coisa assim finíssima sabe, coisa de mestre mesmo. Mesmo tendo sido algo tardio essa vivência com as artes, no sentido de visitar museus, conhecer galerias, conhecer a produção, acho que foi muito claro e muito importante pra esse entendimento como artista. E anos depois, ano passado, fui eu, na casa do Abdias, conhecer o ateliê dele e o acervo dele com obras assim que são impecáveis. Então [risos], é aquilo de que as coisas realmente só acontecem quando tem que acontecer, quando... Porque eu fui até a casa dele quando a gente estava fazendo a produção da abertura da série *Resistência Negra* né, que eu tive a honra de participar, com as minhas obras, fazendo o contraponto com as obras dele. Você pode imaginar isso? Então... era uma quarta-feira, se eu não me engano, à tarde, e estava eu lá na casa dele, com a viúva dele, conhecendo o acervo dele! Sabe? Ela me mostrando as obras dele, conversando sobre a produção dele, sobre como ele era extremamente ativo politicamente durante quando... durante o período que ele foi deputado e senador, mas também fora disso, como ele lutava muito pelo que ele acreditava. E esse ambiente que era quase sagrado, sabe? Eu senti uma aura ali, nossa, uma renovação artística e pessoal assim, sem tamanho. Acho que foi um dos melhores dias da minha vida, inclusive, porque [pausa] porque você tá acessando esse ambiente como um igual e tendo essas pessoas assim que são titãs na... na produção artística, que conhecem seu trabalho e admiram seu trabalho, falar “ah, você é o Emerson”, sabe? Aí você fica tipo, “você me conhece?”, sabe? É uma coisa assim muito doida, né? Muito... Às vezes você... você para pra pensar nessas coisas assim, como eu falei, eu demoro muito pra processar, e às vezes você senta pra pensar

nas coisas que já aconteceram com você e você fica assim, nossa, tipo... Caraca! [risos] É coisa pra caramba, assim, sabe? E depois você para pra pensar, tipo, como é que você não desmaiou na hora, né?

Gabu: [risos]

Emerson: Porque você tá ali na casa do seu ídolo conversando com a viúva dele e vendo as produções dele, é uma coisa assim, sem tamanho!

Gabu: Sim, com certeza! Depois de um tempo você fica... Meu Deus, eu tava lá mesmo!

Emerson: [risos]

Gabu: Isso não foi um sonho! Realmente aconteceu!

Emerson: [risos] Eu tava no voo voltando pra casa nesse dia [pausa] e foi exatamente isso que eu pensei: “Meu Deus, eu fui lá! Eu estava lá! Eu sentei na sala dele e conversei sobre a minha produção com a viúva dele”, sabe? Você fica tipo... Caraca, como as coisas são, né? Como o mundo é, né? Como os sonhos são, né?

Gabu: Aham. [pausa] Nossa, é... eu fico animada, eu quero ir falando coisas, mas tem que manter aqui. Tem alguma coisa que você queira comentar, que você sente que não é muito falado sobre a sua produção, sobre a sua obra? Alguma coisa que... Aquele detalhe que você gosta e muitas pessoas não percebem, sabe?

Emerson: Eu acho que eu nem diria que é uma coisa que as pessoas não percebem, mas eu acho que uma coisa que eu sinto que ainda não ficou muito clara, até pra... quando a gente fala sobre trabalhos profissionais, por exemplo, é... sobre produção pra alguma marca ou alguma coisa, que é uma coisa bem recente pra mim, até eu fiz o álbum com o Martinho, fiz algumas campanhas aí, mas acho que uma das coisas mais complicadas é você bater o pé sobre aquilo que você acredita e sobre aquilo que é a sua produção, sabe? Eu já fui muito cobrado, principalmente em trabalhos, é, mais... num sentido de encomenda, de, por exemplo, usar outras cores. É, acho que é uma manobra muito, não é perigosa, mas é uma manobra muito complicada você se firmar como, como... mostrar que a sua produção é aquilo ali, sabe? Que a pessoa tá vendo e que você não vai se adequar ao que ela espera de você. Então, é... eu ainda recebo muitas mensagens sobre, tipo, “nossa, você não vai fazer nenhum trabalho vermelho ou verde ou laranja”? Não, meu trabalho é azul! E [risos] eu não sei se você reparou que há mais ou menos dois anos ou mais eu só tenho usado azul, então acho que é bom você dar uma olhadinha no portfólio [bebe água] pra entender que não é só uma escolha estética, sabe? Eu tenho texto sobre isso, inclusive, não dá nem pra falar que é por falta de... de bagagem teórica, porque tem texto sobre isso, tem entrevista sobre isso, onde eu falo que existem coisas que são imutáveis pra mim, e... e é bem difícil, né, você se firmar nessas coisas, e é muito corajoso também, como... como eu já tinha até comentado, você bater o pé e falar não. Às vezes pra... para produções que, até falando num sentido monetário, te ajudariam muito, sabe? Valorizações orbitantes, onde as pessoas acham que isso pode te moldar no sentido de... de que o seu trabalho vai seguir de acordo com o que elas acreditam, e não de acordo com aquilo que você faz. Então, é... eu já deixei de fazer trabalhos por isso, trabalhos de valores expressivos - que não dá pra ser modesto e falar que não ajudaria - simplesmente porque não me respeitaram enquanto artista, enquanto alguém que produz utilizando essas cores e essas... e... essas temáticas, sabe? Então, é... acho que isso ainda é uma coisa que [risos] talvez demore um tempo pra ficar firmada, mas acredito que a passos curtos a gente chega lá, sabe, das pessoas entenderem que não, não vou mudar minha

produção de uma hora pra outra e que eu não vou fazer o que você espera que eu faça e que o azul é algo passageiro e que logo, logo eu vou começar a pintar peles brancas ou que o preto vai se tornar marrom ou que eu vou colocar cor nas roupas. Não! Acho que são coisas muito fixas, muito dadas e é uma coisa que eu reitero com frequência e acho que vou reiterar até, é cansativo, mas vou reiterar até quando for necessário E... o que a gente espera é sempre respeito, né? Respeito à produção, respeito à minha vivência, respeito àquilo que eu acredito. E quando não tiver respeito, simplesmente me retiro, pode ser [pausa] 20, 30, 40 mil, 50 mil reais, me retiro tranquilamente, porque acho que, graças aos Deuses, cheguei no nível de dizer que dinheiro realmente não é problema, então... [pausa] É isso, sabe? Não vou me moldar, não vou me adequar ao que esperam de mim, e vou continuar produzindo aquilo que eu acredito e me focando nos meus sonhos.

Gabu: Isso é incrível pra você, porque várias vezes, é... o mundo que a gente vive faz parecer, empurra essa ideia de artista faminto, artista pobre, e parece que o artista tem que se abdicar de quem eles são pra ir atrás do dinheiro, porque isso é a coisa mais importante, até mais importante do que o próprio artista, do que o próprio ser. Então...

Emerson: Sim, abrir mão da própria individualidade, né, mesmo, em nome de... dessa adequação ao mercado. É até engraçado, porque eu tava comentando um tempo atrás, eu tava comentando com um amigo sobre isso, né, sobre como o mercado, [pausa] como ele te mastiga até onde dá, enquanto aquilo que você tá produzindo faz sentido pra ele, e depois ele te descarta, então... É uma manobra que ele mesmo sentiu na pele de que quando ele fez trabalho... Ele era representado por uma galeria, né, na época, e enquanto ele tava fazendo o que a galeria queria que ele produzisse ali, e se sentindo completamente perdido mesmo, por tá fazendo o que esperavam que ele fazia e não o que ele queria fazer, é... durante esse tempo ele tava sendo visto e tava sendo ouvido, mas aí quando ele bateu o pé no chão e falou: “não, não é isso que eu quero fazer, não é isso que eu vou fazer, meu trabalho é isso, isso, isso”, ele foi descartado, então... Não é nada sutil essa forma de tentar manter o controle, porque... Porque esse controle já vem de séculos, desde a escravidão, é... é essa luta por controle pelos nossos corpos, pelas nossas vivências, pelas nossas experiências... então, quando eles percebem que eles não estão no controle e que esse controle é completamente seu, acho que dá um bug gigantesco na cabeça deles e eles ficam, tipo, como assim você tá fazendo o que você quer e não o que eu espero que você faça? Como assim a sua produção é baseada naquilo que você acredita e não naquilo que o mercado espera que você produza, sabe? É bem aquilo que a gente falou mesmo, porque dá... essa quebra de expectativa acho que deixa muita gente frustrada, e eu acho que quanto mais gente sem noção estiver frustrada com o que eu faço, melhor.

Gabu: [risos] É... puxando esse fio, uma coisa que eu tenho muito interesse também é baseado na sua opinião sobre a privatização da arte. Como você disse, você quando criança não teve muita presença, não teve muito acesso a museus e eu identifico isso ainda mais, me identifico com você ainda mais porque meus pais nunca foram muito incluídos nesse mundo, nunca gostaram muito de museus. Então comecei ir pra museus, tipo, com a escola lá para o ensino médio e era uma coisa... uau! E você não faz esse negócio que muitas pessoas fazem, tipo, de tentar deixar a sua arte dentro de um museu e um lugar privado, esse lugar da academia, pra valorizar ela.

Emerson: Uhum.

Gabu: Você posta ela, você pinta... é... [pausa] pessoas pretas, tipo, ao nosso redor, como você mesmo falou da sua pintura da IZA. E vindo de onde você veio, falando da sua história, é... com a representação da arte, com a arte na favela, as pessoas que você estava pintando, você acha que isso é uma coisa que está faltando hoje no mundo contemporâneo, de lembrar que a arte não existe pra academia e sim para as pessoas que realmente vêem ela?

Emerson: Eu acho, assim, infelizmente, eu acho que a gente ainda está a passos muito lentos, em relação a tudo isso, porque quando você está inserido mesmo nesse universo, nessa parte mercadológica até, por que não dizer [pausa], da arte, você percebe que tem ali uma movimentação, mas que ainda é uma coisa assim muito sutil. Então, até falando sobre essa questão do museu, eu falo de mim, mas minha mãe mesmo, por exemplo, minha mãe, ela foi entrar no museu, ela já tinha lá seus 50 anos [pausa]. Ela foi comigo porque eu insisti, porque essa coisa tá tão enraizada na sociedade e na nossa cabeça como um todo, de que esses lugares não são pra gente, que isso paralisa a gente quando a gente tem a possibilidade de visitar. A gente realmente acredita que esses locais não são pra gente, então... Eu falava com ela: “vamo mãe no museu, não sei o que”, aí ela “não, mas isso não é coisa de gente rica? Não é, não é... Eu não sou chique o suficiente pra estar nesses lugares”, sabe? Ela falava que arte era coisa pra gente rica. Arte é coisa pra gente que tem cultura. Então, é... E eu não culpo, porque é um imaginário que fica na cabeça da gente desde que a gente se entende por gente, então... Mas eu acho que há essa movimentação de mudança mesmo por parte dos próprios artistas, porque a gente não pode esperar o messias das artes que vai mudar todo o cenário, acho que é uma coisa que a gente precisa fazer por conta mesmo. Tem que dar a cara a tapa mesmo, tem que ir a trancos e barrancos. Mas apesar de ser algo sutil, uma mudança sutil, eu sinto que tem essa... que essa movimentação é muito válida e muito importante. Até... até eu comento sempre sobre como eu tenho visto essa dissolução do eixo Rio-São Paulo nas artes, por exemplo, que, se Deus quiser, não vai demorar muito para acontecer. Mas a inserção de Salvador, por exemplo, no circuito artístico, como um local de produção artística forte e potente, de abertura de novas galerias, de [pausa] fomento a essa [pausa] questão cultural mesmo de Salvador como algo válido e importante. Mesmo que seja só de um ano para cá, com a mudança da Secretaria, eu acho que isso é uma manobra muito importante, porque a gente deixa de pensar a arte como o Rio-São Paulo e começa a pensar a arte como o Rio-São Paulo-Salvador. É pouco? É muito pouco ainda, mas já é uma manobra de mudança gigantesca no imaginário mesmo de produções. E... no meio dessa inserção de Salvador eu estive com *Um Defeito de Cor* lá no MUNCAB, Museu de Cultura Afro-Brasileira lá de Salvador. E é uma coisa que você sente mesmo né, essa mudança, você sente [pausa] como essa valorização e esse impulsionamento dessas produções ela pode ser benéfica em muitos sentidos, para muito além da questão econômica, como... Por que não dizer até a vinda da Beyoncé para Salvador? Acho que foi uma manobra muito potente, porque teve essa... essa articulação por parte da Prefeitura mesmo, da Secretaria de Cultura também, de trazer ela. E isso acaba trazendo essa visibilidade também pra... pra esse ambiente que é tão rico culturalmente, tão importante também pra a produção do Brasil. E a gente começa a se voltar os olhos para lá, pra a produção de lá, pra a ambientação de lá. Eu não estive em Salvador ainda, infelizmente, mas eu tenho muita vontade de conhecer e essa vontade só aumenta cada vez mais porque eu acredito que boa parte do futuro das artes tá por lá, sabe? Acho que daqui a alguns anos o que a gente vai ouvir falar muito sobre a produção

de Salvador e sobre os órgãos culturais de Salvador. Acho que é uma coisa que, se parar pra pensar, alguns anos atrás era algo completamente impossível dessa mudança de eixo. Mas eu espero que aconteça muito mais, sabe? Que a gente se expanda cada vez mais pra muito além de São Paulo e Rio, porque, como a gente comentou, é... o Brasil é extremamente rico em produção cultural e eu acho que essa nova geração tem muito a mostrar, muito a... [pausa] a debater, muito a trazer, muito a discutir sobre essa reforma nessa produção mesmo e nesse campo cultural.

Gabu: Sim. É... alguém tem alguma pergunta? Alguma a mais que queira fazer? É... eu tô chegando no fim do meu PDF [risos].

Emerson: [risos] A gente falou bem pouquinho, né? [risos] Só duas horas.

Gabu: Bem pouquinho, pouquinho. Duas horas de conversa, quase nada.

Emerson: [risos]

Gabu: [risos] Eu queria pedir pra todo mundo dar um sorriso pra tirar foto porque... pra tirar foto pra colocar na entrevista, porque infelizmente a gente não tá presencialmente, então não tem como fazer essa foto todos juntos. Daí, tudo bem? Pra todo mundo?

Emerson: Claro!

Gabu: Okay, então, sorriam! Eu vou tirar foto [risos]. Ué, não tá indo. Foi!

Emerson: [risos]

Gabu: Eu sou... ruim em tecnologia.

Emerson: [risos] Faz parte [risos].

Gabu: Faz parte, né? [risos] Bom, é... pra finalizar, tem alguma coisa que você queira dizer? Algum outro artista que você queira comentar? Algum... [pausa] ou alguma coisa que você atingiu recentemente, alguma exposição que você... conseguiu fazer recentemente, que você tenha orgulho e queira compartilhar com o resto das pessoas?

Emerson: Hum, eu tenho orgulho de tudo, exatamente tudo que tem acontecido comigo, eu sou muito grato, tenho muito orgulho de [pausa] tudo que eu tenho vivenciado nesses anos doidos de produção. Uma coisa, acho que entra até como um conselho, mas acredito que vocês já... já estejam muito inseridos nisso, é pesquisar sobre artistas vivos mesmo e se focar na produção de artistas vivos e contemporâneos a vocês. Gente que tá começando mesmo a produção, até mesmo nesse eixo do azul mesmo, eu tenho muitas referências pra passar, acho que é uma galera que tem uma produção muito pungente, muito importante, que dialoga muito com o hoje. Acho que é importante a gente falar sobre os que vieram antes e saudar os que vieram antes, mas acho que, no campo acadêmico mesmo, falar sobre o agora, mesmo que ainda seja um desafio muito grande, acho que é muito importante para vocês que dêem atenção para essa produção de artistas mais novos, como o Brendon, a Igi, Igi Lola, a Kika Carvalho, que são meus contemporâneos de azul aí, e eu acredito que... que ainda vai... a gente vai ouvir muito falar sobre essa galera e... e a produção e as inquietações deles e... [pausa] tô extremamente feliz com o convite. Acho que tudo que envolve, até cheguei a comentar, tudo que envolve educação me interessa, então... Tudo que eu puder auxiliar e participar e ajudar nesse sentido, contem comigo. Então, fiquei muito feliz com o convite e muito feliz por vocês tarem falando sobre mim, muito honrado. E é isso, a gente segue junto e vamo que vamo. Empurrando... [pausa] como é que é? Que fala? Com os dois pés na porta, vamo que vamo [risos].

Gabu: [risos] Muito obrigado por ter aceitado o convite, foi uma coisa [pausa] extremamente incrível assim pra gente. É, eu... Eu sou a mais tranquila com isso, mas na hora que você respondeu a mensagem e concordou, saiu todo mundo da sala pra comemorar.

Emerson: [risos]

Gabu: Mas não dava pra dançar no meio da aula, né?

Emerson: [risos]

Gabu: [risos] Então, muito obrigada, de verdade. É incrível ter tido essa oportunidade de conversar com você, discutir a sua arte, os seus projetos, as suas posições, inspirações e, principalmente, discutir quem você é e de onde você veio e como isso reflete em tudo que você produz. Foi uma oportunidade incrível e eu tenho certeza que nós não vamos ser os únicos que vamos apreciar.

Emerson: Obrigado, obrigado de verdade pelo carinho e pela força né que vocês dão, porque [pausa] como eu tinha falado, acho que se dar conta de que aquilo que você tá, que as coisas doidas que se passam pela sua cabeça são importantes e são relevantes pra alguém, é uma coisa assim muito doida, né? Então, é... receber todo esse carinho, todo esse reconhecimento no âmbito da educação, que é tão importante pra gente, é uma coisa assim que eu aceitei, nem titubeei, sabe? A gente tem a correria total do dia-a-dia, né? Uma doideira, mas acham um espacinho na agenda pra poder mandar ver, porque são manobras muito importantes, né? E acho que é muito válido o que vocês tão fazendo, muito importante, sim. Agradeço demais.

Gabu: A gente também!

Agê: Muito obrigado mesmo, assim... É muito bom te ouvir falar.

Emerson: Obrigado.

Agê: Foi bem legal, de verdade.

Arisa: É, muito, muito obrigada...

Emerson: Obrigado, gente.

Arisa: Foi muito enriquecedor.

Emerson: Obrigado, gente. Muito feliz.

Gabu: Muito obrigado, Emerson. É... agora falando um pouco da parte mais burocrática [risos], porque, querendo ou não, é uma coisa que precisa discutir, é... assim que a gente terminar de editar tudo, a gente vai te encaminhar o vídeo para você poder aprovar, caso você queira retirar alguma parte, alguma coisa você queira reiterar ou mudar, a gente também vai ter ela transcrita. Então, sinta-se à vontade pra fazer qualquer edição, qualquer comentário que você queira. Okay? E quando você aprovar, a gente vai conseguir colocar o vídeo no GMEPAE, que é a plataforma que eu comentei com você antes.

Emerson: Maravilha.

Gabu: Certinho?

Emerson: Perfeito! Maravilha. Agradeço, inclusive.

Gabu: Muito obrigada, de verdade, pela entrevista, Emerson. Tenha um ótimo almoço, porque já está na hora do almoço [risos].

Emerson: [risos]

Gabu: A gente acabou se distraindo um pouco.

Emerson: Faz parte. Quando o papo é bom, é assim mesmo, né? A gente nem vê a hora passar. É isso. É um bom sinal.

Gabu: Aham. E espero muito sucesso nas exposições que você está fazendo agora. Com certeza [pausa] eu vou arranjar um jeito de ir em todas. Vou até tentar convencer a professora de levar a gente também.

Emerson: É uma boa, viu?

Gabu: É uma coisa incrível.

Emerson: É uma boa. É..., eu que agradeço, fico muito feliz e... tamo junto, vamo que vamo. Bora almoçar, boa semana pra vocês...

Arisa: [risos]

Emerson: ...e bom trabalho.

Gabu: Muito obrigada, Emerson.

Agê: Obrigado.

Arisa: Brigada.

Emerson: Obrigado, tchau, tchau.

Gabu: Tchau!